4.º ANNO — N.º 13 * 2.ª SERIE * 1898 — JANEIRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.mo Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Bispo de Meliapor,
Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, etc.

BRAGA
Typ. de I. M. de Souza Cruz
102, R. Nova de Souza, 106
—
1898

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO: — *Missões nas colonias.* — *O Gr.·. Or.·. da Grecia.* — *Sagasta e os IIr.·.* — *Uma ordem terceira da maç.·.* — *Devoção dos IIr.·. inglezes.* — *A maç.·. não se mette em politica...* — *As virtudes do Alves Correia.* — *Somnêca dos IIr.·. francezes.* — *Uma festa.·. de familia.* — *Restauração do palacio do Gr.·. Or.·. Lusitano.*

Meu caro amigo:

Darei principio a esta, communicando-lhe a grata noticia de que a imprensa portugueza se tem occupado ultimamente de um assumpto de importancia capital: *As missões para as colonias.*

A imprensa maçonico-jacobina, naturalmente, pronuncia-se contra, por amor encendrado aos *immortaes principios*. Até o snr. ministro da marinha parece temer o *contagio!* A opinião do illustre ministro, bem como a de alguns deputados e alguns orgãos da imprensa portugueza, poderá o meu amigo deprehendel-a do que se diz n'outra parte do presente numero da «Voz». Aqui limito-me a dar a noticia ao meu amigo; em todo o caso creio que vale a pena mandar o seu cartão de sentimento á *Luz.·.* (que está muito escandalisada porque o benemerito Bispo de Meliapôr se dignou abençoar a Voz de Santo Antonio) ao *Paiz*, á *Vanguarda*, etc.

Mas passemos d'aqui, e vamos a outros factos que mais possam interessar ao meu amigo.

—Havia muito que a maçonaria hellenica estava dividida em um providencial scisma; agora porém, para celebrar o esplendido resultado da desastrosa guerra com a Turquia, devido em grande parte aos manejos dos *gros-bonnets* das duas maçonarias italiana e grega— reuniu-se ao antigo Gr.·. Or.·. o novo Gr.·. Or.·. scismatico, ficando a sucia sob a obediencia de um tal Damaschinos, que pelo nome não perca.

E agora—unidinhos—lá continuam trabalhando com mais ardor para ruina da patria!

Pobre Grecia!

—Como em tempos disse ao meu amigo, e ninguem já hoje ignora, a maçonaria foi a causa principal da nefasta revolução das Filippinas, que tanto dinheiro e tão preciosas vidas consummiu á heroica Hespanha. Pois agora o governo maçonico-liberal que preside aos destinos d'esta nação, quer recompensar os bons officios das lojas, pelo que nomeou para varios cargos administrativos d'aquellas ilhas a reconhecidos mações, altamente graduados!

O facto tem dado origem a energicos protestos, até da parte dos insulares. Ao contrario, os inimigos das ordens religiosas rejubilam, porque teem a certeza de que os apadrinhados das chafarricas certamente combaterão ali a influencia do frade, a quem a Hespanha deve o estar ainda hoje na posse d'aquellas ilhas.

Bem sabe isto o snr. Sagasta, que não ignora tambem que Aguinaldo, Rizal, Llassera e outros sairam das cafúas maçonicas. Mas apezar de tudo, não quer desmentir as tradições da seita; porque os mações, ainda que se dizem encendrados patriotas, e filhos dedicados da patria, põem acima de tudo os seus interesses e os dos afilhados que teem a aninhar...

Haja vista o que entre nós está succedendo com a vinda do heroico Mousinho...

Será em virtude do principio de que *a caridade bem ordenada por nós deve ser começada?*...

—Ninguem desconhece os instinctos *simianos* da maçonaria. A seita.·. lembrou-se agora de fundar uma ordem terceira maçonica!

Diz-se até que a nova instituição já floresce na Iglaterra e que tenta lançar raizes na Italia etc.

Esta ordem compõe-se de mações *leigos*, os quaes, sem passarem pelas provas das lojas, servem á maçonaria como auxiliares, mais ou menos conscientes do papel que desempenham.

Entre nós não sei se já estará acclimada a tal ordem terceira; o que todos sabemos, porém, é que, mais que esses trabalhos de *sapa* a que se entregam aqui os mações propriamente ditos, tem a Igreja a combater os ataques mais ou menos traiçoeiros e hypocritas dos numeros *maçonisantes* que por aqui fervilham como tortulhos em volta d'um tronco gasto e carcomido

—Outro accésso de devoção maçonica: um grupo de IIr.·. inglezes resolveu fazer, no corrente mez de janeiro, uma excursão (ou *perigrinação*... á Terra Santa.

Embarcarão n'um suberbo *Iacht*, visitarão o Egypto, e depois irão desembarcar á Palestina. Acompanhará os *devotos romeiros*, na qualidade de capellão, o arcediago de Essex, o qual espera obter do gr.·. Mestre.·. a licença necessaria para fundar uma nova loja junto aos Caminhos de Salomão lugar que passa por ser o berço da seita dos estalinhos.

E que mysteriosas sensações não experimentarão os IIr.·. ali, n'aquelle lugar de tão gratas recordações!

Bôa viagem aos devotos romeiros.

—Não ha ninguem que não tenha lido ou ouvido, pelo menos um cento de vezes que a maçonaria é simplesmente uma instituição philantropica e de beneficencia, sem vistas politicas nem intuitos interesseiros, *etc. e tal.*

A melhor prova de tudo isto é a que estão dando agora os mações francezes. Para vencer as eleições que se effectuarão em maio proximo, teem mandado oradores escolhidos em missão de propaganda pelas provincias, organisaram um orçamento eleitoral, e, segundo refere o *Matin*, em algumas cidades, a hypothecar os proprios immoveis das lojas, que é como quem diz empenhar aié a camisinha do corpo!

Ainda se não averiguou se a lista dos deputados mações será appellidada *a lista dos hypothecados*. Talvez a Luz.·. o saiba já...

4.º ANNO — N.º 13 2.ª SERIE 1898 — JANEIRO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

Um anniversario.
I Parte — SEÇÃO DOUTRINAL: — A. V. Ordem Terceira da Penitencia — Santa Protectora para o mez de fevereiro — Indulgencias.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo (continuação) — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: O Sigillo da Confissão.
IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO — *Portugal:* Novos Associados da Pia União — Braga — Lisboa — Coimbra — Porto d'Ave — Barbudo — Açores etc. — Esmolas para o pão dos Pobres — Recommendações — Os nossos defuctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Quadros bibliocos (continuação) — Orphãosinho *(poesia)* — Sursum corda! *(poesia)* — Bibliographia — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL — ECHO DAS MISSÕES — VARIA.
Gravuras: A Sagrada Familia — A Torre do Ouro (Sevilha) — O Hospicio de S. João e Minarete de Homar (Jerusalem).

Um anniversario

Não são as glorias de nenhum capitão victorioso das guerrilhas revoltosas de Cuba ou das Philippinas que hoje vimos recordar. Não são as façanhas dos arrojados exploradores africanos que chamam hoje a nossa attenção. Não são os heroicos feitos de Mousinho nem de outros, seus pares — em quem poder não teve a morte — que hoje celebramos. Não vimos commemorar a entrada triumphal de nenhum sabio na academia franceza, nem entoar hymnos ás descobertas scientificas, aos grandes inventos de aperfeiçoamento humano que por ventura possam dizer: «contamos hoje tantos annos de existencia»!

Não; o anniversario, que hoje tencionamos celebrar, é muito humilde e modesto, não sae fóra do recinto da nossa redacção, não tem a apregoal-o as trombetas da fama, nem as paradas, nem as marchas *aux flambeaux*, nem as recitas de gala, nem os artigos de fundo dos jornaes de grande circulação no paiz. O que tem é meia duzia de corações generosos e intrepidos para o festejar em familia, muito intimamente, se a estes poucos não vier juntar-se a turba magna dos que pelo paiz inteiro se chamam os amigos devotos de S. Antonio, e os milhares de infelizes que o olham como o seu grande e primeiro bemfeitor. Este anniversario, pois, não é outro senão o nosso, o da «Voz de S. Antonio»!

Tres annos são decorridos desde que, em janeiro de 1895, veio á luz o primeiro numero d'esta Revista. Até hoje, mercê de Deus, não temos de

que nos pese de haver emprehendido a sua publicação.

O publico tem-lhe dispensado maior protecção do que a principio se julgava. Não queremos ser nós o juiz para dizer se ella tem sido ou não merecida. Collegas, ao que nos parece, imparciaes, hão sido para com a «Voz» d'uma rara attenção e benevolencia. A nós resta-nos, como premio e maior consolação, o prazer de havermos cumprido escrupulosamente o nosso dever, quanto o permitte a acanhada medida das nossas forças. Não nos havemos poupado a sacrificios de toda a especie para contentar os leitores, tornando a «Voz» util e agradavel. E, querendo Deus, para o futuro, poderemos desempenhar melhor a nossa missão.

Estamos porém plenamente convencidos de que a obra é toda de S. Antonio. Foi elle que inspirou a idéa, foi elle que escolheu e angariou os leitores da sua «Voz», tem sido elle que a tem sustentado firme, e feito proseguir no caminho recto, uma vez começado, será elle sempre o seu melhor sustentaculo para o futuro.

Com effeito: que ha de mais interessante na «Voz» do que a narração dos prodigios quotidianos de que S. Antonio é o auctor obrigado? Não são factos que se narrem succedidos ha seculos, nos tempos da edade media, por exemplo, que, ordinariamente, muitos reputam como os seculos privilegiados com a ventura de poder presencear os milagres dos thaumaturgos da época. Não; os factos que a «Voz» refere mensalmente são os succedidos agora, no nosso tempo, aos nossos olhos, n'aquelle mez, quasi, por assim dizer, na vespera de serem publicados. E não são contos da carochinha os que nós referimos: são attestados e firmados pelo proprio punho dos que mereceram a graça de haverem sido escutadas suas supplicas no tribunal da misericordia divina, por intermedio do poderoso advogado, S. Antonio. Ora, tudo isto não póde deixar de despertar vivo interesse em quem não perdeu a fé. Este acha nos factos que narramos e que todo e qualquer póde verificar, a confirmação moral da sua crença. O que perdeu a fé, ou a tem amortecida, sentirá pelo menos despertar-se-lhe a curiosidade de indagar se, com effeito ainda hoje ha aquella communicação de que fallam, no seu dizer, as velhas lendas dos tempos da ignorancia e do obscurantismo, entre o planeta que habitamos e um outro mundo acima dos astros. Mais d'uma vez sentirá vir-lhe a duvida se será ou não verdadeira a historia dos milagres, se hoje poderão ainda realisar-se, e se um ser que nós nunca vimos nem conhecemos, póde interessar-se em nosso favor.

Isto, estamos certos, é o que S. Antonio deseja da sua «Voz»; foi esta sem duvida a missão de que elle a encarregou, e ha de ser esta que a «Voz» sempre terá a desempenhar emquanto existir, como o tem feito até hoje.

* * *

Ao iniciarmos com o presente numero o quarto anno de vida jornalistica, na «Voz» não fazemos promessas superiores ás dos annos precedentes. Garantimos apenas aos nossos leitores e assignantes a nossa boa vontade. Elles apreciarão se ella foi ou não efficaz. O cumprimento da nossa palavra nos annos anteriores é-lhes garantia, cremos nós, sufficiente para este e para os futuros.

Só lhes pedimos uma cousa: é, além

da sua benevolencia, o seu indispensavel concurso para a realisação da nossa obra e para a garantia da vida desafogada da « Voz de S. Antonio».

* * *

Temos a dar os nossos agradecimentos aos dignos assignantes da «Voz», verdadeiros cavalheiros, que com tanta pontualidade satisfazem o seu dever para com esta Revista, que unicamente vive do que elles lhe enviam.

Aos que hão sido remissos, sem os querermos increpar, pedimos-lhes, mui respeitosamente, queiram ser mais diligentes.

Não devemos tão pouco deixar de agradecer e tributar os devidos louvores ao nosso eximio typographo, o exc.mo snr. José Maria de Souza Cruz, habil e intelligente artista, ao par dos que melhor o são, pelo seu zelo e esmero, empregados na composição technica da nossa Revista. Os leitores que apreciem o seu trabalho e o estimem como devem.

SECÇÃO DOUTRINAL

Ordem Terceira

A Veneravel Ordem Terceira e a Reforma dos costumes

O LUXO ANTE A ECONOMIA SOCIAL

REAVIVAR e manter os costumes christãos e proclamar a sua importancia no campo economico e social, tal foi, e já o dissemos aqui, a mira de Leão XIII quando traçou com mão de mestre o programma d'acção dos Terceiros.

Vinte annos de corrida veloz para uma vida segura de moderação e conservação assignalada pelo Immortal Pontifice, testam á evidencia que a Ordem Terceira Franciscana garante de contado a solução dos problemas que nos agitam n'esta hora.

E' de facto por via da influencia christã que elles podem e devem de sêr resolvidos.

Esta verdade, que afinal das contas é a summula de tudo que nos ensina Leão XIII, resumbra com evidencia particular de cada uma das paginas da sua immortal Encyclica sobre a *questão obreira*.

Ou o Papa nos mostre o ascendente preponderante da Egreja; ou nos leve a desesperar de intervenções salutares que não venham de Estados christãos; ou nos inculque o caracter nitidamente christão que deve formar as classes operarias, o tom predominante da sua Encyclica está nas palavras que a fecham: — *Saibam todos que o primeiro passo a dar é a restauração dos costumes christãos*.

Esta grande verdade impõe-se-nos, seja qual fôr o ponto de vista sob que a encaremos, quer nos defrontemos com a questão social pelo seu lado moral, procurando sobretudo o meio de pacificar os espiritos e os corações, quer nos occupemos particularmente da manutenção material do maior numero.

Qual porém venha a sêr a acção dominante exercida pelos costumes christãos, é o que vamos vêr com brevidade e tranquillidade n'este pequenino artigo.

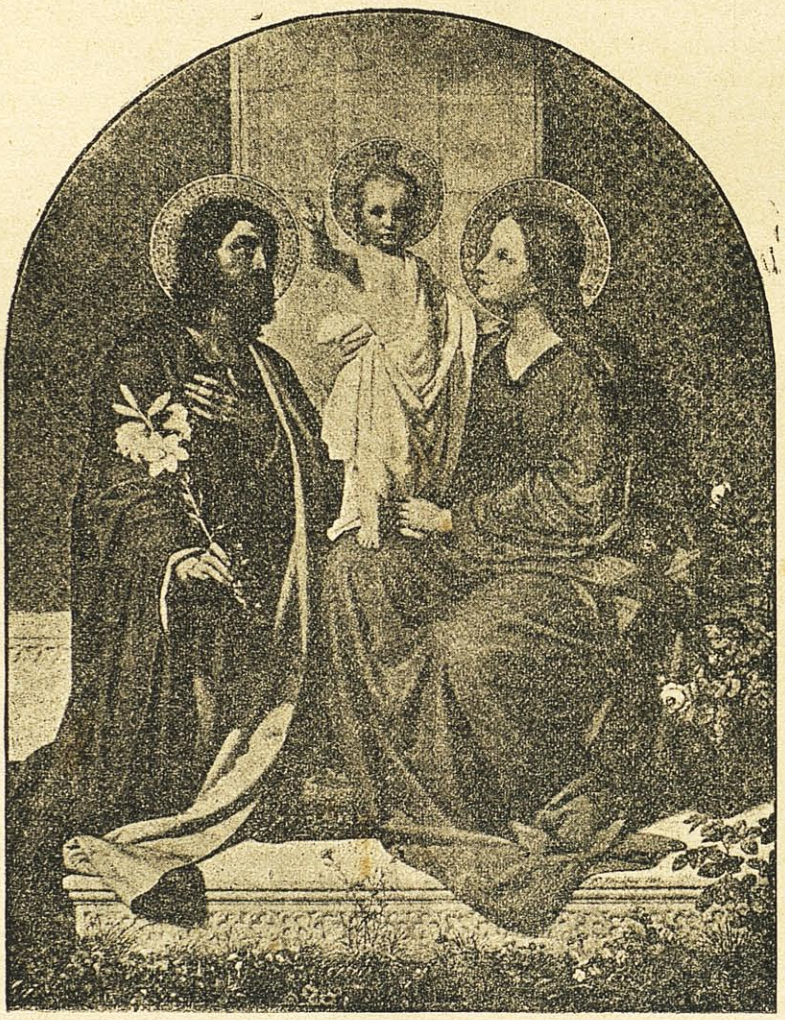
De duas coisas nomeadamente se dóem os operarios: da insufficiente remuneração e da muita falta de trabalho.

E' davel ao certo, e deparam-se meios que nos sejam garantia de mais copia de trabalho, e mais somma de dinheiro? Tal é o grave problema a cuja solução ainda não chegaram de vez profundas elucubrações de modernos economistas.

Aventaram alguns que elle se podia resolver pelas prescripções de syndicatos omnipotentes, pela intervenção do poder publico actuando nas massas populares directamente ou por delegação.

Mas elle ha ahi mil coisas na esfera social que nem decretos nem regulamentos têem força de remediar. Póde-se de certo com uma pennada de tinta altear os salarios. Mas virá tambem ao depois augmentação

de preço nas coisas; e se então não houver accrescimo parallelo de fortuna publica, quem poderá ter que os trabalhadores não virão a soffrer com isso, seja pela multiplicação das exigencias da vida, seja pela diminuição de concorrencia ao trabalho, sendo certo que a valia das coisas está as mais das vezes em harmonia com os cofres do publico.



A SAGRADA FAMILIA

E' verdade incontestada que nunca devia de esquecer que numa sociedade que repudia a escravidão do paganismo e do socialismo, a remuneração do trabalhador se confunde com a permuta, por via de dinheiro, dos productos do seu trabalho, com os do trabalho d'outrem: d'ahi seu afan por que elles sejam abundantes. Mas estes ultimos são tambem resultante do trabalho humano d'hoje ou d'hontem que, incorporado na natureza, lhe deu a potencialidade e baptizou com o nome de *capital*. De geito que todo o trabalhador se interessa, em ultima analyse, porque em torno d'elle, em vez de perguiça e dissipação, haja trabalho, producção, esforço ascendente, regulado por economias intelligentemente empregadas em sentido de augmentar o grande thesouro das sociedades que se chama capital.

Solidariedade esta providencial que Leão XIII notavelmente apanhou em uma só phrase da sua magistral Encyclica:—*Não ha trabalho sem capital*. N'outro ponto de-

pois de haver proclamado a legitimidade da appropriação das riquezas, as olha de novo a *repartir-se, por uma permuta natural, entre os individuos.*

Taes são as idéas seguras em que devemos esteiar-nos para defrontar com serenidade os mil prejuizos semeiados pela ignorancia.

Declaramos para já abertamente que a multiplicação das riquezas n'um paiz é o grande ponto de partida da direcção feliz dos trabalhadores, bem como da expansão da raça querida de Deus. Reclamamos do Estado em nome da grande familia humana que supprima a violencia e a fraude: mas tambem não contamos só com seus decretos para a solução do problema social, firmamo-nos designadamente nos sós factores da prosperidade geral e da felicidade privada: — o *trabalho e a economia.*

Aqui avulta precisamente a importancia social dos costumes christãos, como incentivo potentissimo do trabalho e da economia.

Verdade seja que as exigencias da penuria tomam á sua conta astringir ao trabalho a maioria dos homens, mas este trabalho não ficaria para logo tolhido de fecundidade se lhe retirassemos a lei providencial e a honra do homem segundo a doutrina christã?

Pelo que respeita áquelles que por condição lhes não pesa o jugo da necessidade, acaso a doutrina christã os não levará á convicção de que tambem elles téem de trabalhar e que ninguem os escusa de applicar para si e para os outros tudo que Deus lhes deu de intelligencia e forças moraes? Elles devem empregar todas as suas faculdades *ad utilitates cæterorum,* como o diz a Encyclica. Breve e profunda expressão que faz vêr d'um só lance a importancia toda do trabalho dos sabios, e dos esforços dos ricos.

Quanto á economia resultante abençoada da renuncia n'uma parte dos gostos e bemestar humano, não é ao sôpro da doutrina e dos costumes christãos que ella se cria e robustece?

Cumpre-nos gravar bem fundo em nossa alma que não foi para os apegar e enterrar comnosco que Deus nos deu os bens exteriores de que logramos por via do nosso trabalho, ou mercê da herança. Somos de verdade legitimos proprietarios de facto: mas não olvidêmos que nos foi imposto o dever tremendo de dar conta da nossa substancia no tribunal de Deus.

Ora a primeira obrigação que nos corre, é usar d'esses bens para nós mesmos com moderação. S. Paulo requer dos fieis que vivam com *sobriedade,* Leão XIII inculca rasgadamente a fuga do ocio. [1]

E, todavia, o luxo não é tão somente um mao dispendio; é uma despeza inutil que não tem cabal solução nem nas necessidades sociaes, nem nas legitimas aspirações do progresso.

E' indubitavel que para exercicio da caridade foi nomeadamente rogado o christão a concorrer com os excessos ajuntados pela simplicidade da vida. Mas corre-lhe tambem obrigação de applicar ao de menos uma parte em prol do patrimonio, talhado essencialmente para garantia d'uma existencia independente e fecunda para o bem, quer olhemos o homem em particular quer em relação com seus descendentes. Taes são os ensinamentos de Leão XIII exhibidos á farta em mil passagens de suas Encyclicas.

E' ensejo, pois, de dizermos que, com fazer respeitar e amar o dever, com inspirar a moderação do prazer, os costumes christãos téem por resultante directa a multiplicação das riquezas.

Assim é que acima de todo outro factor social elles resolvem d'uma vez o problema de firmar, ao lado do augmento providencial da população, um trabalho bem remunerado a quem d'elle carece para viver.

Mas accordemo-nos tambem que elles segredam o modo de crear peculio para os outros por via da caridade de que nunca poderemos prescindir em qualquer conjunctura, seja qual fôr a organisação social; caridade esta de que o Summo Pontifice reclama antes de tudo effusão copiosa no mundo.

Estas leis moraes e sociaes que tocam ao de leve actuam acaso nas aspirações de nossos trabalhadores? Se ellas são as mais das vezes desconhecidas e menosprezadas!

Uma ignorancia varrida das noções mais fundamentaes do uso dos bens d'este mundo paralysa as intelligencias; a fortuna encara-se como meio de encher os appe-

---

[1] Encyclica *Auspic.*

tites; d'ahi a avidez de pretensões, e o consumo rapido d'algum bem que se apanha ás furtadelas: d'ahi o esmorecer no trabalho e o definhar das economias, e o que é peor, o pendor accelerado para a decadencia.

E se o nosso paiz logrou em tempo de creditos de trabalhador e economico, hoje em dia, com magua o dizemos, desceu n'ella muito fundo o nivel do trabalho e da economia.

Partindo de orientação mal regulada das classes superiores, o mal ganhou terreno bem depressa nas camadas pópulares acabando por tocar as mesmas povoações mais arredadas.

E' pois tempo de clamar que n'este estado de coisas em vão se reclamaria, por qualquer mecanismo social, mais trabalho e melhor remuneração aos operarios.

Não córemos de vergonha n'esta nossa missão, mas com novo alento annunciemos ao paiz que elle vae dar uma queda medonha se não trata de suster e levar a corrente que o inclina ao pauperismo. Os que vivem na abundancia imponham-se uma existencia util á sociedade, com o labutar afadigoso dos campos não se troque indiscretamente o emprego das cidades; não se malbarate o lucro dos trabalhos em despezas tão inuteis e prejudiciaes; a economia seja mais geral e melhor empregada; em vez de a atirar para o estrangeiro e jogal-a aos laços financeiros d'uma cubiça desenfreada, cure o proprietario de avolumal-a para bem publico de sua propria nação.

E para tudo dizer n'uma só palavra, haja em vista de continuo a restauração dos costumes christãos.

FR. A. DE M.

Santa protectora para o mez de Fevereiro

Santa Margarida de Cortona, da 3.ª Ordem. Foi em sua mocidade muito travessa e devassa. Seu amante foi vergonhosamente assassinado, e então Margarida conhecendo a vaidade do mundo, se decidiu a tomar o habito de Terceira Franciscana, e veio a sêr um prodigio de penitencia. O Senhor, alem de muitas provas de amôr, houve por bem mostrar-lhe ainda vivendo o logar que devia de occupar no ceu ao lado de Maria Magdalena. E' mesmo conhecida na historiologia franciscana pelo nome de *Magdalena Franciscana.*

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1.ª — Uma em qualquer dia do mez.

2.ª—No dia 1—Beato André dos Condes de Segni, da 1.ª Ordem (Pio VI, 10 de março de 1781).

3.ª—No dia 2 — Purificação da Santissima Virgem (Leão X, 29 de março de 1515).

4.ª—No dia 4—S. José de Leonissa, da 1.ª Ordem (Clemente XIII, 13 de julho de 1739. Bento XVI, 22 d'agosto de 1746).

5.ª—No dia 5—S. Pedro Baptista e Companheiros Martyres, da 1.ª e 3.ª ordem (Clemente XII, 13 de julho de 1379. Pio VI 10 de março de 1781).

6.ª—No dia 11—Beata Joanna de Valois, Rainha de França, da 3.ª Ordem (Pio IX, 11 de setembro de 1868).

7.ª—No dia 13—Beata Veridiana, da 3.ª Ordem (Pio IX, 11 de Setembro de 1868).

8.ª—No dia 16 - Beata Philippa Mareria, da 2.ª Ordem (Pio IX, 2 de junho de 1851).

9.ª—No dia 19—S. Conrado de Placencia, da 3.ª Oordem (Pio IX, 11 de Setembro de 1868).

10.ª—No dia 21—Santa Angela Mericia, da 3.ª Ordem (11 de Setembro de 1868).

11.ª—No dia 22—Santa Margarida de Cortona, da 3.ª Ordem (Bento XIII, 26 de julho de 1728. Clemente XII, 7 de maio de 1732. Pio VI, 10 de março de 1781).

Parciaes:

Nos dias 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26, 27, 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 4, 11, 18, 25, 300 dias d'indulgencia.

Nos dias 4, 5, 19, 21, 22, 256 annos e 50 quarentenas.

Virtudes a imitar

Esperança crescente em Deus, baseada na humildade e na caridade.

Maxima de S. Francisco

Os servos de Deus que se dispõem a receber algum inapreciavel dom do Senhor, mantenham-se com novo ardôr na caridade, na humildade e na paciencia em todas as coisas.

Oração

O' Senhor Deus, que houvestes por bem arredar do caminho da perdição para os sendeiros da virtude a vossa serva Margarida; fazei tambem agora com egual commiseração que a nós, para quem não foi escrupulo seguir-lhe os erros, caiba a dôce alegria de lhe termos imitado a penitencia.

SECÇÃO HISTORICA

SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Traducção)

(Continuação do n.º 12)

CAPITULO IV

Os adversarios e os alliados de Rosa

Viterbo era assás nobre, gentil para escrava, e de jugo tão fero. Os generaes de Frederico tinham-na universalmente onerado com taes exacções e tão insoffrivel despotismo, que, em 1243, estalou uma sublevação.

O palacio do Imperador foi saqueado, os de seus partidarios demolidos; o conde de Chiusi — então general — viu-se bloqueado com toda a sua guarnição n'uma das torres; e os vivas enthusiasticos ao Papa-Rei estrondearam. [1]

Com tão subito evento o Imperador apparelha um exercito e marcha contra a cidade.

«Dado que eu fosse já no paraizo — escrevia enraivado — de lá mesmo me partiria a vingar e a provar as valentias e as iras da minha espada nas entranhas dos Viterbienses!»

Eram doze d'outubro, dia aprazado para o primeiro assalto. Mal pezar d'elle proprio caminhar na vanguarda da infanteria, os sitiados defenderam-se com bravura e heroismo taes, que Frederico foi forçado a pelejar em retirada. A dez de novembro, depois de grandemente reforçado, tentou um segundo assalto.

Tão pressurosamente cavaram e encheram os soldados fossos de abrolhos e fachinas, que as catapultas, as torres moveis e as escadas houveram ser applicadas ás moralhas, sem que o apercebesse a sentinella. Simultaneamente, a guarnição imperial aboletada, desde a sublevação da cidade, no torreão, fez uma vigorosa sortida.

Apertados entre dois fogos, os Viterbienses, ostentaram uma coragem indomavel, e pelejaram como nas vascas do desespero. «Eram secundados — escrevem os chronistas — por suas proprias mulheres e tenra prole. Uma, sem mais armas que a sua propria destemidez, salta ao fosso, despenha-se sobre o craneo d'um soldado allemão, e fulmina-o».

Carreando pedras uma donzellinha de oito para nove annos, voou uma flecha e trespassou-lhe um dos braços. Ella arranca a flecha com os dentes sem interromper seu heroico lavor.

Que intrepidez de mulheres! Umas transpõem processionalmente as ruas com as reliquias dos santos, outras pensam os feridos, estas matam a sêda, aquellas a fome aos combatentes.

Duvidoso era ainda o exito da peleja, quando os sitiados, penetrando por aqueductos subterraneos nos fossos, incendiaram os abrolhos e as fachinas, que os attestavam. Subito sob os pés dos sitiadores rebentou um mar de chammas; impossivel era extinguil-o, impossivel resistir, impossivel sobre tudo perseverar nas escadas, nas torres e restantes machinas.

De golpe se levanta uma furiosa norteada, que, repellindo da cidade as catadupas de lavaredas e os immensos rôlos de fumo, os despenha sobre os Imperiaes; um cavalleiro baqueou fulminado junto do proprio Frederico. O descoroçoamento e o terror remataram então por apoderar-se das tropas, e o despota allemão, mau grado seu, foi-se de retirada. Viterbo entoava já o hymno da victoria. [1]

Verdade e reverdade, que assás interessaria, sondar a parte tomada pela perfilada donzellinha n'esta defeza heroica de sua cidade natal.

Infelizmente, fallecem-nos documentos precisos. Não haveriamos, todavia, reconhecel-a n'aquell'outra de oito annos, de cuja heroicidade nos legaram memoria os historiadores, silenciando seu nome?...

---

[1] Richard de San Germano, Chron. — Raynald, an. 1243. — Raumer, t. IV. — *Cezar Pingi Storia d'ella citta de Viterbo*, lib. IV, cap. V.

[1] Ibid, ibid. — Cesar Pinzi, ibid.

Qualquer que seja a probabilidade d'esta hypothese, o que não offerece duvida, a quem haja estudado o seu caracter, é que ella concorresse para a victoria de sua querida Viterbo ; o que é longe de toda a problematicidade, é que ella inflammasse, com seu exemplo e valor, o animo, a coragem de seus concidadãos, pertencesse ao numero d'essas creanças e mulheres plebeas, que os chronistas nos descrevem de pé firme sobre os baluartes a par dos combatentes, assombrando os mesmos guerreiros com sua destemida intrepidez. Após esta victorias Viterbo remaneceu passante de tres annos sob o sceptro pontificio.

Succedeu-se isto, consoante escripto fica, durante o periodo da vida anachoretica de Rosa no lar domestico. Os Imperialistas, não obstante, jamais renunciaram á esperança de vingar este triumpho.

Em agosto de 1247, aproveitaram-se da fome que victimava a cidade, para decidir o povo, extenuado de miseria, ás pazes com o Cesar allemão.

Frederico d'Antiochia, filho bastardo do Imperador, tenta e recebe a submissão de Viterbo. [1]

E' que, demais, o scisma e a heresia triumphavam ahi e grandemente facilitavam ensejo ás invasões allemãs.

Estes herejes, certo, — os mais firmes esteios de Frederico, e os com quaes Rosa devia arcar, — eram os Patarinos e os Catharos. A pêllo virá analysar suas maximas e o como resuscitaram o manicheismo. Por agora assás nos é revelar seu nome e ascendente.

Meio seculo havia sobre tudo, que a anarchia, que esphacelava a Italia, ahi livremente se desenvolvia e agigantava. O evangelho heterodoxo conquistara apostolos e fundára escolas mesmo á sombra da basilica lateranense. Em 1209 — Othão IV, vindo coroar-se a Roma, ahi encontra uma manicheista. [2] Em balde foi que Innocencio III tentou proscrevel-os dos Estados da Egreja. Em 1119 escrevia ao clero e ao povo de Viterbo queixando-se de que os Patarinos pullulassem em sua cidade.

Não empeceu, porém, a que d'entr'em pouco se tornassem a maioria, e a que, em 1205, como veremos, nomeassem, com prospero evento, consul um d'entre elles. [1] Outra bulla em que o Pontifice testemunhava o quanto o indignara este successo dos sectarios e o como reduzil-os, foi quasi de nullo effeito. [2] Urgiu a presença do Papa, para assegurar, em 1207, a execução de suas ordens e para fazer alagar as espluncas dos hereges e de seus fautores. [3] Em data de 8 de novembro de 1235, anno do nascimento de Santa Rosa, Gregorio IX denunciava, por seu turno, a insolencia e os progressos sempre crescentes do manicheismo em Viterbo.

Sob a dominação allemã mais e mais se alastrou e consolidou. [4] Na epocha em que Santa Rosa começou suas prégações — rezam as *actas do processo* — a audacia dos hereges contra os catholicos não conhecia raias. [5]

Para perfeito conhecimento de Viterbo, n'esta data, importa não deslembrar a corrupção de seus costumes. Far-se-há uma pequena idéa, se rememorarmos que, em torno de Frederico e ao seio das cidades *livres* em poder de seus generaes, affluiam de todas as partes em demanda de asylo gente vadia e sem lar, cidadãos fallidos, infamados em suas nacionalidades, punidos pela justiça, presos evadidos, bandidos, arteiros, em busca d'aventuras, dispostos a todas as sortidas. [6]

---

[1] Della Tuccia, Chron., p. 27-30. —Ughelli, Ital. sacra, t. I — Cesar Pinzi, obra citada, lib. LV, cap. VII.

[2] Césaire de Heisterbach, Dial. mirac., t. I p. 309, édit. Strange. = 4) = Inn. III, Opera (Migne, t. I, col. 537).

[1] Inn. III, Opera. (Migne, t. II, col. 654).

[2] Gesta Inn. III. (Migne, t, I col. 162.) — Raynald, an. 1207. Bussi, *Stor di Viterbo*, part. I, lib. III.

[3] Bussi, *Stor di Viterbo*, part. I lib. III.

[4] O Imperador ao coroar-se em Roma (22 de novembro de 1220) publicára um edito severissimo contro os hereges ; e até estabelecera a *Inquisição* na Allemanha. (Pertz. *Monumenta* t. II). Esta era uma das suas muitas hypocresias. De exemplos identicos abunda a sua vida. Recebia a cruz, e no mesmo momento em que dirigia uma pretendida cruzada, negociava com o Sultão e machinava a perda de Damietta. Fomentava a revolta contra o Papa, ria de suas excommunhões, algemava os Cardeaes e sobrecarregava os soberanos com manifestos em que se declarava — soldado de Deus e defensor da Egreja.

[5] Act. proc. can., (vita). = 3) = Salimberre, *Chron. Par.*, an. 1247. — Richard de San Germano, *Chron.*

[6] Computruistis in peccatis, sicut jumenta in stercore suo, ut fumus ac fimus putrefactionis vestræ jam fere circumadjacentes regiones infecerit ac ipsum Dominum, ut credimus, ad nauseam provocaverit. (Innoc. III, Opera, ap. Migne, t. II, col. 654).

Pervertida pelo contacto em prosiquidade de taes libertinagens, tornou-se um antro, uma sentina de todos os vicios e de todas as dissoluções.

Ter-se-ia então podido, mais do que assim o cremos, — provocado e indignado o proprio Deus». [1]

«Eis a arena em cujo seio exercer deve Rosa a sua missão, eis os adversarios poderosos contra os quaes lhe cumpre brandir

A TORRE DO OURO (SEVILHA)

nunca, endereçar á maioria dos Viterbienses aquellas severas e energicas palavras, que, mais tarde annos 40, Innocencio III lhe lançava em rosto: — «vós apodrecestes em vossos flagicios como os irracionaes em suas miasmaticas choças, e o fetido odor de vossa putrefacção já voou a empestar as plagas circumvisinhas... Vós tendes, — o gladio do verbo evangelisador: — a tyrannia, a heresia, a corrupção».

Para cerrar este capitulo importantissimo, necessariissimo, resta-nos precisar os seus *alliados* e os *guerreiros* de sua cruzada.

---

[1] Vita B. Aut. (ap. Boll., 13 de junho). Auréoel Séraph, 13 juin.

Certo, deviam de ser aquelles cujo espirito personificava — os *Franciscanos* e os *Terceiros*.

Não, vinha pois, longe de soar o grito de hostilidade e de guerra — entre os Frades Menores, soldados do Papa-Rei desde a profissão de sua regra, desde o ingresso n'essa ordem em sua essencia democratica, — e Frederico II o perseguidor do Vigario de Jesus Christo, a concretisação do despotismo.

Em nome da consciencia nacional e da fé os filhos do Martyr sublime do Alverne, haviam estigmatisado o ideal e emprehendimentos attentatorios do Imperador, patenteando e frustrando suas negras tramas, excitado á revolta contra o seu bronzeo diadema, affrontando-se com os seus generaes, increpando-lhes publicamente seus crimes e violencias

Sua era a missão de publicar aos povos as excommunhões contra Frederico. Por 1228, embarcando-se elle contra a vontade de Gregorio IX, a pretexto d'uma cruzada, e sendo recebido em triumpho pelos Ptolmaidenses, lá foram os Franciscanos denunciar os prejurios do principe e declaral-o excommungado em nome do Papa. [1]

Por vezes elles proprios organisam e dirigem as campanhas, arvorando-se em generaes.

Fr. Leão de Milão marcha contra os «Imperiaes» á frente das tropas milanezas. [2]

Em 1250, no cerco de Padua, era Fr. Clarello quem guiava ao combate os soldados pontificios; um outro dirigira a construcção das machinas de guerra e as operações do bloqueio. [3] Accresce, que Frederico, em suas cartas ao rei d'Inglaterra, se queixa amargamente de que «os Franciscanos o combatam com a lança e a espada, e absolvam — dizia — de todos os seus crimes os que tomam armas contra elle. [4]

Demais, havia-se com elles como com seus mais temiveis inimigos. Em 1229, durante sua estada em Jerusalem, os que eram encontrados prégando, fazia-os algemar, arrastar ao longo das ruas, e fustigar como a malfeitores. [1]

Em 1240, expulsa-os das «Duas Sicilias», e ordena sejam lançados não poucos ás chammas. [2]

Faz circular simultaneamente por toda a Europa *pampheletos* em abundancia e as mais das vezes em verso, cujo alvo exclusivo é tornal-os odiosos e ridiculos. [3]

A cruzada dos Terceiros, por outro lado, não era menos activa, nem menos guerreira. Formavam troços de milicias communaes, que se oppunham energicamente aos projectos de Frederico. Do norte ao sul da Italia, constituiam uma vasta liga, uma immensa confederação, que reunia n'um unico seio todas as almas cançadas da escravidão.

Evangelisando a resistencia mesmo nas mais humildes aldeias, mantinham contra os invasores uma incessante e ascendente agitação. [4]

Os hereges e seus proselytos arreceavam-se da Ordem Seraphica. Eram, não ha contestal-o, os Frades Menores que pelejavam contra elles o mais energico combate pela fé catholica; e tão prosperamente, que, annos mais tarde, em 1254, Innocencio IV pensou não haver tomar medida mais efficaz, do que confiar officialmente á Provincia da Romania o tribunal da Inquisição para a Toscana e Ungria. [5]

Facilmente se comprehende, porque a Virgem Immaculada, ao revelar a Rosa a sua missão, lhe preceitua envergue o burel do Mendigo d'Assis.

E' que a sua voz devia convocar o exercito seraphico a um combate supremo, a uma acção decisiva; é que ella era predestinada para arvorar o pendão das milicias da pobreza, para personificar, á face das gerações, as victorias preexcelsas da justiça contra a usurpação despotica.

Não obstante este tão sublime esteio da

---

[1] Petr. de Vincis, *Epist.*, lib. I. Epist. 19. — Richard de San Germ., *Chron.* — Michand, *Hist. das Croisades*, lib. XII.

[2] Salimberre, *Chron. Parm.*, an. 1223.

[3] Salimberre, *Chron. Parm.*, an. 1250.

[4] Cantu, *Hist. des Ital.*, lib. VIII, ch. XCI.

[1] Cart. do Patr. de Jerusalem ao Papa (ap. Raynald, an. 1229).

[2] Richard de San Germ., *Chron.*, an. 1239. — Salimberre, *Chron. Parm.*, an. 1249.— Raynald, an. 1239.

[3] Rithmi Petri de Vincis, — *Vida e Correspondencia de Pedro de Vignis*, por Huillard-Bréholles, p. 402.

[4] Petrus de Vignis, *Epis.*

[5] Bulla de Inn. IV (ap. Wadding., Annales Min., t. III.)—Bulla de Alex. V (ap. Wadding. (Ann., Min., t. IV).

Ordem Franciscana, seus emprehendimentos, certo, apparentavam-se inglorios e humanamente impossiveis. Não seriam uma provocação á prudencia e por ventura até ao bom senso?...

Onde possuia uma donzellinha de apenas 12 primaveras, o ardor e a eloquencia precisas para affrontar-se com os estadistas, confundir os legistas, fazer silenciar, emudecer os partidarios do Cesar allemão? onde a sciencia philosophica e theologica indispensaveis para discutir com os sectarios astutos, desatar seus sophismas, pulverisar seus argumentos?... Como triumpharia alfim esta humilde reclusa, cuja vida até então se lhe deflorira no lar domestico e nas estreitezas d'uma cellinha, como levaria victoria dos habitos envelhecidos, das paixões desencadeadas, das propensões e quedas grosseiras e degradantes que agitam e inquinam o coração humano?

Mas uma lei escripta na historia da humanidade, nos relembra, que Deus na realisação de suas obras mais sublimes rejeita os grandes e os sabios, e se inclina aos que o mundo appellida de despreziveis e idiotas. Dois seculos mais tarde — em França — para sopear e repellir outros invasores, e para salvar a realeza dos lizes, irá eleger uma outra filha do povo, lhe empunhará a espada, a conduzirá ao combate e lhe cingirá a fronte dos multiplices loiros de multiplices e subitas victorias. Joanna d'Arc será como Rosa a fraqueza pujante... Mas ha mais traços de similhança entre a Terceira de Viterbo e a pegureira de Domrémy. Ambas pelejaram e soffreram pela patria; ambas arvoraram, em face do scisma, o estandarte do Vigario de Jesus Christo; [1] ambas tiveram por inspiradores, por auxiliares e por companheiros d'armas os filhos do Mendigo d'Assis; [2] ambas rebrilharam, fulguraram nos annaes da Egreja, como astros miraculosos, como auroras de heroismo e de liberdade.

Para áquem do apparecimento da Rainha dos céos, Rosa em nada mais cogita, que nos futuros e gloriosos emprehendimentos do apostolado que lhe demarca a visão celeste.

Um novo e dolente extasi, eis o signal irresistivel e divino que a impelle á peleja.

(Continúa).

[1] Quicherat, Procés de Jeanne d'Arc, t. I, p. 443. — Ayrolles, Jeanne d'Arc sur les autels, lib. II, ch. V, lib. III, ch. I. (Paris, 1886).

[2] Siméon Luce, Jeanne d'Arc á Domrémy, recherches eritiques sur les origines de la mission de la Pucelle, avec preces justificatives. (Paris, 1886). — Revue Franciscaine. Novembre 1882. (Jeanne d'Arc et les Franciscains).

Pensamentos

O arrependimento é o ultimo beneficio e quasi sempre o maior que nos produzem os nossos defeitos.

A experiencia e a philosophia que não levam á caridade e á indulgencia são duas acquisições que não valem o que custam.

A morte d'aquelle que fez um serviço não redime do agradecimento aquelle que o recebeu.

Prefiro os malvados aos imbecis: aquelles podem emendar-se alguma vez, estes nunca.

Sabem o que é o dever? E' o que exigimos aos outros.

(De Alexandre Dumas filho).

Ao pé d'um berço

Adeus filha, adeus, agora
Fecha os teus olhos, descança;
Deus manda sonhos d'esperança
Nos fios d'oiro d'aurora.
Sonha, pois, teus olhos cerra
E Deus te diga, querida,
Que nunca acharás na vida
Mais santo amor sobre a terra.

Thomaz Ribeiro.

ANECDOTAS

Quantos assim!

A scena passa-se na Russia.

Um homem compra um cavallo por vinte rublos, paga-o e diz ao vendedor que lh'o leve a casa. O vendedor assim faz, mas quando entrega o cavallo exige os vinte rublos, allegando que os não recebeu.

Debalde o comprador protesta, que o outro insiste e a questão vae ao juiz da aldeia. Este vê-se atrapalhado na decisão. Parece-lhe evidente que o comprador pagou e que o vendedor é um patife, mas não ha provas.

— Então você affirma que pagou os vinte rublos?

— Sim, senhor.

— Tem testimunhas?

— Não, senhor.

— Tem recibo?

— Não, senhor.

— Então tenha paciencia, ficará sem o dinheiro. Eu estou convencido que você tem razão mas é impossivel que o outro a não tenha tambem. Talvez elle perdesse o dinheiro, depois de o receber que o mettesse n'algum sitio onde não o encontra. Em todo o caso não lhe posso valer. Mas, como você me parece homem honrado, a quem hão de fazer muita falta os vinte rublos que tem de dar outra vez, proponho que se abra entre nós uma subscripção para o indemnizar um pouco.

Eu dou cinco rublos.

E voltando-se para o vendedor, accrescentou:

— E você dá alguma coisa?

— Dou, sim, senhor, disse o homem generosamente; dou tres rublos.

E estendeu uma nota ao juiz.

Este olhou para ella, de repente soltou um grito:

— Pouca vergonha! Esta nota é falsa. Prendam este homem!

— Falsa! Exclama o homem atrapalhadissimo, não póde ser!

E' falsa, repito. Vou mandal-o já para a Siberia.

— O' senhor juiz, eu não sou moédeiro falso.

— Então quem lhe deu esta nota? Diga.

O homem atrapalha-se, balbucia, mas afinal vendo que o caso é sério, exclama:

— Pois co'a breca! Ir para a Siberia é que não. Quem deu essa nota foi esse patife que ahi está quando me pagou o cavallo.

O juiz tranquillamente:

— Pois n'essa estava eu que elle já tinha pago. Podem-se ir embora. A nota não é falsa.

Leituras amenas

O Sigillo da Confissão

I

ERA extenso o frio na Suissa e nevava a valer na vespera de Natal do anno de 189...

N'este dia, de tarde, o padre Schubert, parocho de Valneige, no cantão de Vand, sahiu da residencia para visitar os seus pobres e doentes e preparal-os para a grande festa do dia seguinte. O infatigavel sacerdote, todo dedicado aos seus parochianos, tinha sempre no seu coração remedio para todas as feridas. A uns abria sua bolsa; a outros dispensava conselhos e consolações. Por isso quanto não era amado e respeitado! Depois de uma curta visita a Gertrudes, a fiandeira de Hentz, cuja cegueira era quasi completa e que tanto pesava sobre seus filhos, demorou-se um instante em casa de Haldrik, um rachador de lenha, a quem uma fatal imprudencia tornara paralytico; depois foi dirigindo, de passagem, algumas palavras animadoras ao velho Hubert, que soffria muito de rheumathismo, assim como a Holtz e a Mathias o entrévado.

A neve cahia, soprava o vento e a digressão do sacerdote era fatigante e por vezes mesmo perigosa, porque no meio da tormenta era facil errar o caminho e cahir em precipicios. Mas não obstante poude voltar sem perigo á residencia, rezando suas contas e pedindo a graça divina para aquelles que não rezam.

Na praça publica e defronte da eschola brincavam alguns pequenos com bolas de neve que atiravam uns aos outros, parando aos pedaços para soprar nas mãos roxas do frio.

O pequeno Hecknel, filho do ferreiro, no ardor da lucta atirou uma bola que foi bater na batina do padre. O rapazito ficou todo envergonhado, córou até os olhos e baixou a cabeça afflicto. Mas levantando a medo os olhos viu o bom do sacerdote sorrindo, e então socegou. — Boas tardes, Snr. vigario, disse elle, tirando o seu barrete de pelles. — Boa tarde, meu pequeno, respondeu o padre, animando a cara do gaiato, e antes de caminhar voltou-se para o bando e disse: brincae, meus meninos, brincae. Nosso Senhor não ralha por isso.

Hecknel, filho d'um protestante e que mal conhecia o sacerdote, voltou-se para os companheiros dizendo: — «que bom modo tem o vosso cura!» Depois começou a brincar com as bolas de neve, emquanto o sacerdote caminhava para a egreja, que distava d'alli uns duzentos passos.

II

Seriam quatro horas da tarde. Profundo silencio reinava na egreja. Sómente Wilmann, o sachristão, andava muito afadigado d'um lado para o outro, preparando tudo quanto era preciso para a missa da meia-noite.

Na capella-mór estava uma lapinha com o Menino Jesus, de cêra, vestido de encarnado, rodeado de anjinhos e de cordeiros brancos. Capellas de hera e de buxo rodeavam o grupo gracioso. Uma claridade frou-

xa passando atravez dos vidros coloridos d'uma janella gothica, vinha esbater-se no rosto de Deus Menino.

O parocho ajoelhou nos degraus do altar e permaneceu absorvido na sua prece, alheio a tudo quanto se passava ao pé de si. Apenas lhe causou um ligeiro estremecimento o som d'um tiro que foi dado a pequena distancia para os lados do passal. Poucos minutos depois abriu-se com força a porta da sachristia; Wilmann, com os olhos esgazeados e as feições transtornadas, entrou precipitadamente: «Senhor padre Vigario, preciso dizer-lhe duas palavras, faz favor de vir».

—Que tens meu pobre Wilmann? disse o sacerdote, entrando na sachristia; estás pallido, estás doente? O sachristão sacundindo a cabeça, só respondeu: «Ah! que grande desgraça!» — «Mas o que é? estás-me mettendo medo» — «Oh! — se soubesse, senhor vigario, se soubesse!» — «Mas o que, meu Deus, o que ha?» O sachristão limpou o suor do rosto e sem mais rodeios exclamou: «Senhor vigario, preciso de confessar-me». — «Confessar-te...» — «Sim, senhor, e já, que não posso demorar por mais tempo».—«Então ajoelha-te ahi e começa a tua confissão». Wilmann obedeceu, curvando a cabeça fez o signal da cruz e logo com voz um pouco abafada disse: — «Meu padre, accuso-me de haver morto um homem». O sacerdote estremeceu e a custo conteve um grito. O penitente continuou: «Matei o ferreiro Hecknel, agora mesmo com um tiro de espingarda... devia vossa reverendissima ouvil-o...» — «Ah! desgraçado, balbuciou o sacerdote, pois tu commetteste um tão horrivel crime?!...»—«Sim, senhor, eu tinha razões de queixa de Hecknel, não o podia encarar... o meu odio crescia cada vez mais... era preciso dar cabo do homem; escolhi o dia para a minha vingança». — «Ah! desgraçado! era necessario rezar, rezar muito... Deus te haveria desviado do precipicio».—«Rezar, respondeu o sachristão por entre dentes, rezar não podia eu. Escute a minha confissão até final. Hoje, na residencia fiz o meu plano; tomei a sua caçadeira, carreguei-a com duas balas, depois trouxe-a para a sachristia onde a escondi...» O confessor estava pallido como um defuncto; um suor frio lhe corria pela fronte e tremia como varas verdes. «Meu Deus, balbuciou elle, esta espingarda...» O sachristão continuou: «Quando vossa reverencia caminhou para visitar os doentes, tirei a espingarda do esconderijo, vesti a sua batina velha, tomei o seu chapeu, calcei os seus sapatos, fui agachar-me no fundo do passal. Desde que avistei Hecknel caminhando para a sua forja, apontei e fiz fogo duas vezes. Elle cahiu de braços estendidos e sem mesmo dar um grito. Estava morto e bem morto, porque o filho que o acompanhava, sacudia-lhe o corpo e bradava pelo pae em voz alta. Oh! eu estava bem vingado. Sahi do passal e aqui estou. Nada mais tenho a dizer».

O sacerdote tinha quasi desmaiado, uma torrente de lagrimas lhe inundava a fronte. O assassino fixou-o um momento e sem dizer palavra, levantou-se, abriu a porta da sachristia e desappareceu.

III

Passou-se um momento: o padre Schubert abatido sob o peso d'esta terrivel revelação, rezava e chorava com a fronte escondida entre as mãos. De espaço a espaço vinha-lhe um soluço e com voz abafada exclamava: «Meu Deus... Meu Deus!... Hão-de julgar-me criminoso... Estou perdido... estou perdido....»

O pobre sacerdote estava soffrendo horriveis torturas moraes. Via-se em risco de ser accusado de um crime hediondo, um assassinato. A arma homicida estava alli, deante d'elle, n'um canto. O chapeu, a batina, tudo ia conspirar-se contra elle. E elle confidente d'esse crime, conhecendo o criminoso, não podia abrir a bocca para se justificar. O segredo da confissão estava alli tambem; antes morrer que quebral-o. Que angustiosa situação lhe creava o dever!

Não o disse, mas sem o querer, vir-lhe-hiam ao pensamento as dôres de sua velha mãe quando soubesse que o filho era accusado de matador. Oh! era impossivel que ella acreditasse em tal, absolutamente impossivel. O padre levantou os olhos para o santo Christo que estava pendurado na parede, e parecendo-lhe que a imagem tinha um sorriso nos labios, exclamou com voz angustiada! «Meu Deus, seja feita a vossa vontade e não a minha».

Não foi esta tambem a prece do divino Mestre? Invocou egualmente Maria Santissima, a advogada das causas desesperadas,

a Virgem purissima, e a oração deu-lhe coragem.

Apenas, porém, recobrára algum alento, quando a porta se abriu com força e uma turba exaltada entrou de roldão gritando: «Assassino, assassino, confessa o teu crime». E como o padre permanecia impassivel, um dos homens descobrindo ao canto a espingarda, bradou: — «Hypocrita, tu és o verdadeiro culpado: Levemol-o a Berne para lá ser sentenciado a soffrer o justo castigo». — «Sim, sim, clamou a multidão, morte ao assassino».

IV

O andamento do processo de Valneige caminhava rapido e o padre Schubert teve de comparecer em breve deante dos juizes. O desventurado, depois de preso, tinha envelhecido dez annos. O rosto magro e pallido, os olhos encovados, o corpo meio curvado, o andar vacilante, tudo bem mostrava os horriveis soffrimentos que o tinham amargurado. Ao entrar no tribunal de Berne sentiu uma commoção violenta; na sua frente, sobre a meza do julgamento, entre as peças do corpo de delicto, notára elle a espingarda, o chapeu, a batina e os sapatos. Começou a audiencia. Ao inquerito do juiz respondeu o accusado d'este modo: «Eu estou innocente». — «Quem é então o culpado?» Vosso dever é descobril-o, respondeu elle.

Foram chamadas as testemunhas, que eram muitas. Todas tinham visto o ferreiro Heknel cahir morto no caminho, ferido pelo tiro; viram o padre Schubert fugir pelo passal para a sacristia, levando na mão a arma ainda fumegante. A arma estava alli, assim como as outras peças accusatorias. Toda a negativa era inutil. As testemunhas foram concordes em fulminar o accusado. Apenas uma levantou a voz para o defender, foi o pequeno Hecknel, o filho do morto. A todas as perguntas que lhe foram, feitas o rapazito respondeu sempre: «o padre Schubert não é o assassino de meu pae». Esta declaração firme perturbou o animo dos juizes que se não atreveram a lavrar a sentença, differindo o julgamento.

O accusado continuou a orar com fervor. Um dia o juiz Herzog, passeiando, surprehendeu a conversação do pequeno Hecknel e de Gaspard, outro rapazito de Valneige que diziam: «Estás convencido, ó Hecknel, que o padre vigario está innocente?» — «Sim, Gaspard, estou perfeitamente convencido» —. «Pois eu, digo-te que tenho tambem a certeza d'isso». — «Tu? — «Certamente; escuta lá o que eu te vou contar, Eu sou protestante como tu e por isso mal conheço o padre Schubert. Mas lembras-te que no dia da morte de teu pae, tu lhe sujaste a batina com uma bola de neve?» — «Sim, lembro-me muito bem». — «E eu vendo o bom genio e a amabilidade do padre catholico, tive um pensamento: quiz entrar com elle na egreja. Tinham-me fallado d'um presepio onde dormia um pequenito Menino Jesus, rodeado de anjinhos. Escondi-me atraz d'uma columna e pude ver bem á vontade o Menino Jesus. E o cura estava resando ajoelhado deante do altar. Quando se ouviu o tiro eu bem o vi alli».

— «Estás certo d'isso tudo que acabas de dizer?» Tão certo como estar eu aqui». — «Logo não podia ser elle que deu o tiro. Por isso eu tinha razão em dizer que o padre Schubert não foi o matador de meu pobre pae. E o que se passou depois?» — «O padre continuou a rezar. Mais um instante apenas que Wilmann, o sachristão, veio-lhe bater no hombro, chamando-o e levou-o para a sachristia; foi ahi que o prenderam».

O juiz, que não perdera uma palavra d'esta conversa, sentiu um raio de luz penetrar-lhe no espirito. Mandou chamar ao seu gabinete o sacristão e dispoz-se a dar na questão um golpe de mestre. — «Vós sois sem duvida o assassino do ferreiro Hecknel». — «Eu! balbociou Wilmann, tornando-se livido». — «Sim, vós, pois já temos na mão as provas do vosso crime». — «Ah! de certo estaes illudidos, pois eu estou innocente». Mas o juiz replicou: «quereis saber como tudo se passou? Havieis premeditado a morte do pobre ferreiro. Para levar a effeito o crime não trepidastes em perder um innocente. Pegastes na espingarda do padre Schubert, tomastes os seus vestidos e o seu calçado, depois fostes esconder-vos no mirante do passal espreitando a victima; apenas esta appareceu desfechastes...» Um grito de desespero de Vilmann interrompeu o juiz.

— Basta, basta, exclamou o miseravel, perdão.

— Logo confessaes, não é verdade?

— Sim, sim, fui eu quem matou Hecknel, meu inimigo. Para me disfarçar tomei a espingarda e os fatos do padre vigario. Logo depois do crime fui confessar-me a elle para que não pudesse accusar-me. E assim mesmo estou perdido.

— Deus é justo, disse o juiz, tarde ou cedo se descobre a verdade para brilhar deante de todos os olhos.

Foi instaurado novo processo, no qual se provou claramente a innocencia do sacerdote e a culpabilidade do sachristão, que foi condemnado a prisão perpetua. Ainda assim o bom do padre tentou levantar a voz a favor d'elle, mas o juiz interrompeu-o nos seguintes termos: «Senhor vigario, bem podeis perdoar ao homem que se fez assassino para vingar-se e não recuou em desgraçar-vos. Nós, porém, que sustentamos a espada da justiça, não podemos ser indulgentes. A sua condemnação servirá de exemplo para os que tentassem imital-o».

Ao sahir do tribunal quiz a multidão aclamar o sacerdote, mas elle escapou-se rapidamente e seguiu caminho da parochia, onde era esperado com impaciencia. Depois continuou no exercicio do seu santo ministerio com o mesmo zelo e fervor antigos. Todo o povo o estima como a um pae e o venera como a um santo. Quando elle passa, todos os meninos, tanto catholicos como protestantes, tiram os seus *bonets* com todo o respeito e dizem em voz baixa: «E' o martyr do sigillo da confissão, é o martyr do dever...»

(Do *Peregrino de Lourdes*).

LUCIANO THOMINI.

CULTO DE S. ANTONIO

PORTUGAL

Novos membros da Pia União. — Depois da publicação do numero passado, foram inscriptos os seguintes:

Patriarchado de Lisboa	38
Torres Novas	8
Paço	14
Egreja Nova	16
Arcebispado de Braga	484
Ponte do Lima	342
Lousada	122
Diocese de Coimbra	40
Santa Catharina da Serra	19
Sebal Grande	7
Ega	1
Condeixa	1
Borralha	12
Diocese da Guarda	16
Alfarella de Jalles	16
Varias partes	113
Total dos associados...	105:987

Advertencia — Rogamos a todas as pessoas que desejarem communicar-nos algumas noticias relativamente ao *Culto de Santo Antonio,* como tambem alguma necessidade ou o nome de alguma pessoa fallecida para recommendar ás orações dos amigos de Santo Antonio (o que é concedido a todos os nossos assignantes, bem como aos membros da Pia União ou V. Ordem Terceira) — *o façam sempre impreterivelmente nos primeiros dias do mez.* Chegando depois do dia 10, terá de esperar para o numero seguinte.

BRAGA

Durante o mez de Dezembro entraram na caixa de Santo Antonfo 128 cartas, das quaes 99 pediam diversos favores, e 29 agradeciam beneficios recebidos.

Petições

Meu glorioso Padre Santo Antonio: — Peço-vos pela intercessão de Jesus, Maria e José, que desappareça a doença que afflige minha maman, e que ella tenha saude. Se me fizerdes esta graça até ao fim de Janeiro, dou-vos para o pão dos vossos pobresinhos 5$000 réis. Fazei-me a graça que vos peço, e eu serei sempre grata a tão grande favor. — Vianna do Castello — *Uma vossa devota.*

— Meu querido e glorioso Santo Antonio: — Peço-vos, para vossa maior honra e gloria, que façaes com que se estabeleça com a maior brevidade possivel o pão dos pobres em T... e que façaes tambem que se obtenham as esmolas necessarias para se mandar fazer a vossa imagem para alli se collocar; as difficuldades não podem ser maiores, mas vós tudo podeis. Grande Santo, alcançae esta grande graça. Dae muita força ás almas vossas devotas e convertei todos os peccadores.

— Meu glorioso Padre Santo Antonio: — Alcançae-me de Deus a graça de cessar a perseguição movida contra o meu imprudente irmão e fazei com que elle seja reintegrado no seu empre-

go, e eu, vosso devoto, prometto-vos 5$000 réis em moeda fraca para o pão de vossos pobres. Alcançae-me tambem a paz e tranquillidade de consciencia, vencendo a mim mesmo; eu vos prometto mais a mesma quantia. — *S. N. Diamantina.*

— Meu Padre Santo Antonio: — Peço-vos pela intercessão do Menino Jesus e da Virgem Immaculada me alcançeis as graças que venho implorar-vos: 1.ª que me alcanceis a graça de ser admittida na Ordem de N. Seraphico P. S. Francisco; 2.ª que me façaes muito boa, muito humilde, obediente, caridosa e pura, e que me deis um perfeito horror ao mundo; 3.ª que me deis coragem para soffrer as amarguras da vida; 4.ª que façaes bons aos meus irmãos e que lhes deis muito boa sorte; 5.ª que realiseis o que tanto desejam as duas meninas minhas companheiras; 6.ª que façaes entrar no caminho do dever as pessoas que tantas vezes vos tenho recommendado. Attendei-me, meu querido Santo Antonio, e pela vossa caridade para com os pobresinhos despachae as minhas supplicas. Dignae-vos abençoar-me. — *Uma filha de Maria e muito devota de Santo Antonio.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Confiada na protecção que dispensaes aos que a vós recorrem, venho de novo implorar-vos a vossa protecção, pedindo-vos a graça que vós, ainda melhor do que eu, sabeis que pretendo; é, meu bom Santo, justa e santa: é a saude de meu filho para amar e servir a Deus, e dar descanço a seu pae e a mim; por isso vos peço em nome de vossos pobresinhos, de quem sois admiravel protector, e para quem vos offereço 500 réis, se vós até ao fim d'este mez o puzerdes livre de perigo d'esta doença que tanto tortura o meu coração. Espero, meu bom Santo, que vos não esquecereis de mim. — Torres Novas. — *V. J. S.*

— Meu bom Santo Antonio, a quem tomo por meu especial advogado e protector: — Dignae-vos interceder ao Santissimo Corações de Jesus e de Maria Santissima para que nos seja restituida aquella casa que de direito nos pertencia, e da qual aquella injusta pessoa nos privou causando-nos os sacrificios e prejuizos que vós sabeis. Se pela vossa intercessão me concederdes esta graça, que humildemente sollicito, prometto dar para o pão dos vossos pobresinhos 600 rs. cada mez. Meu querido Santo, despachae esta justa petição á — *Vossa humilde serva.*

Graças concedidas

Thereza Emilia d'O. Cardoso (Braga) remette, por beneficios recebidos, 13$365 réis.

— Com o maior reconhecimento venho agradecer-vos a graça que me fizestes, ficando eu approvado nos meus dois exames. Já cumpri o que vos prometti; só faltava publical-a na «Voz», o que agora faço com summa alegria. Continuae a proteger-me, meu querido Santo. — Braga.— *Um estudante.*

— Meu glorioso Santo Antonio — Ahi vos envio 500 réis para o pão dos pobresinhos, pela graça que recebi. — Barcellos.

— Milagroso Santo: — Ainda ha pouco recebi o dinheiro que vos tinha recommendado; descontei parte para receber o resto; deixo essa joia para o pão dos vossos pobres. Peço-vos, milagroso Santo, me alcanceis de nosso bom Deus a salvação de minha alma.[1]

— Milagroso Santo Antonio: — Offereço-vos 20$000 réis para o pão dos pobresinhos, que vos prometti se ficasse boa de uma enfermidade; ainda que não estou de todo boa, apresso-me a satisfazer o que vos prometti, confiada em que não vos esquecereis de mim. — *Uma vossa antiga devota, M. D.*

— Glorioso Santo Antonio: — Ahi vos deixo 5$000 réis que vos prometti se ficasse approvado no meu exame. Sêde sempre meu protector. Que os vossos pobres peçam a Deus por mim! — Braga.— *Padre O. S. A.*

— Meu Socio Santo Antonio: — Remetto-vos a quantia de 3$450 réis, lucro que vos pertence do mez de Novembro; permitti que este mez vos mande mais para os vossos pobresinhos.

— Meu glorioso Santo Antonio: — Muito reconhecida vos agradeço por terdes attendido o meu pedido, por minha irmã e familia terem estado no Rio de Janeiro e voltarem sem terem doença nenhuma, e até as crianças terem lá disfructado mais saude. Venho cumprir a minha promessa, remettendo 1$500 réis para o pão dos vossos pobresinhos, e vos peço muito para sempre me attenderes nas minhas necessidades espirituaes e na minha doença.

— Meu querido e Bemaventurado Padrinho Santo Antonio: — Eu, vosso indigno servo, e afilhado, vos agradeço o beneficio que me fizestes, de, por vossa intercessão e merecimentos, me obteres de Deus Nosso Senhor, e Sua Mãe Santissima a tão desejada saude, como eu tanto vos pedia; eu vos agradeço pois de todo o meu coração, esta graça corporal que me fizeste, e rogo-vos encarecidamente que continueis a proteger a este vosso indigno servo e afilhado. E offereço para o pão dos pobresinhos a quantia de 500 réis. Deus seja Bemdito! — Braga. — *A. J. S. B.*

— Glorioso Santo Antonio: Agradeço-vos de de todo o coração a graça que alcançastes do Sagrado Coração de Jesus, livrando uma pessoa de minha familia d'uma grave operação e dando-lhe saude. Dou-vos a esmola que vos prometti, e peço que me abençoeis e a minha familia. — *J. A.*

— Meu glorioso Santo Antonio: — Eu vos agradeço muito o favor de me terdes encaminhado meus negocios que tanto vos pedi, pelo que vos entrego 4$500 réis correspondentes a 9 mezes a 500 réis por mez; e novamete vos peço, meu glorioso Santo Antonio, que me continueis a

[1] Não se publica o valôr da esmola efferecida, como era desejo do agraciado, porque, quando se advertiu no pedido feito para esse fim, já a esmola se havia junto com as demais no cofre correspondente.

encaminhar sempre os meus negocios, pelo que vos prometto continuar a dar 500 réis por mez, para o pão dos vossos pobresinhos. — Braga, 25 de Dezembro.

— Agradeço-vos o haverdes dado saude a minha esposa dentro em 12 horas ; ahi vos dou 240 rs. para o pão dos pobres.—S. Martinho de Sande.

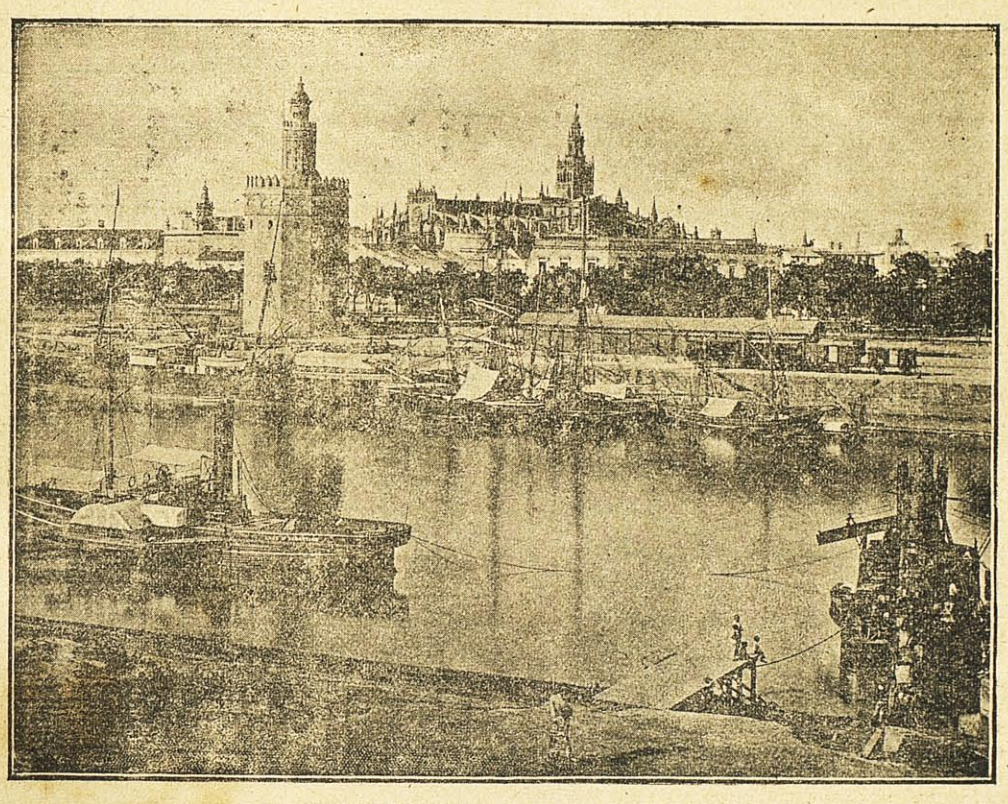
— Achava-se enfermo no Seminario que tem o vosso nome um collegial, e, quando a medicina desesperava já de o salvar, uma pessoa do dito Seminario prometteu dar uma esmola e mandar dizer uma missa no vosso altar; e aquelle que dentro em pouco parecia succumbir, recuperou a saude.

E' com o coração a trasbordar de alegria que eu venho aqui dar este testemunho do vosso valimento perante Deus. — *Um devoto.*

— Meu bom Santo Antonio : — Reconhecida vos agradeço a graça que acabais de me fazer : desejando eu receber uma divida, logo que invoquei a vossa protecção a recebi. Remetto para o pão dos vossos pobres 200 réis. — Vianna do Castello. — *E. F.*

— Meu glorioso Santo Antonio : — Cheia de reconhecimento pelos vossos milagres, venho agradecer-vos tantos beneficios e enviar-vos a quantia de 500 réis, como vos prometti se aquella pessoa que tentou contra a existencia não morresse e tivesse arrependimento. — *M. C.*

— Meu glorioso Santo Antonio : — Em cumprimento da minha promessa e cheia de reconhecimento venho agradecer-vos a graça que me alcançastes que era tão difficultosa, e que eu já não esperava. Meu querido Santo, desejo sêr-vos sempre muito agradecida pela vossa protecção, com que tantas vezes vos tendes dignado valêr-me. Já cumpri com o que vos prometti para o pão dos pobresinhos... — *V.*



TORRE DO OURO (VISTA DE LONGE)

— Meu querido Santo Antonio : — Cheia de reconhecimento pela graça que me fizestes, venho agradecer-vos do córação e enviar a esmola de 500 réis como vos prometti para os vossos pobresinhos. Perdoae-me, meu milagroso Santo, de me demorar um pouco em cumprir a minha promessa. Venho publicar, como vos prometti, no vosso jornal a «Voz» a graça que me concedestes dando-me a harmonia que me faltava na minha casa. Continuae a proteger-me, querido Santo. Valei-me em todas as minhas afflicções e serei uma vossa devota que confessará todos os vossos milagses.— *M.*

— Milagroso Padre Santo Antonio : — Agradeço-vos a graça que me fizestes sarando-me as feridas que eu tinha. Dou-vos, para o vosso pão, a quantia de uma libra em ouro.

— Meu querido Santo Antonio: — De todo o meu coração vos agradeço as duas grandes graças que me concedestes: uma, um verdadeiro milagre, permittindo que os perigos em que aquella pessoa estava mettida acabassem completamente ficando ella tão socegada e tão bem, que reconheceu ter tido protecção especial do Ceu a velar por ella. A outra graça, meu bom Santo, tambem vol-a agradeço muito particularmente. Aqui vos envio esta pequenina esmola, para cumprir a minha promessa. — Vossa devota que pede a ajudeis sempre. — *Uma filha de Maria.*

— Meu glorioso Padre Santo Antonio:—Muitissimo obrigada por me apparecer a escriptura; aqui vos entrego, para o pão dos pobres, a offerta que vos prometti.

— Santo Antonio bemdito:— Pela graça que me fizestes prometti 500 réis; ahi os remetto, Santo bemdito. — Chaves.

— Agradeço-vos, milagroso Santo Antonio, a graça que me fizestes de sarar minha filha, pelo que vos dou a esmola de 2$000 réis para o pão de vossos pobres.

—Meu glorioso Padre Santo Antonio:— Muito vos agradeço o bom despacho que tivemos, pelo que já lancei na vossa caixa 500 réis para o pão dos pobresinhos. Muito obrigada. Não vos esqueçaes de mim, meu bom Santo.

De outras diversas procedencias foram tambem remettidas varias quantias para serem lançadas no cofre de Santo Antonio, em acção de graças por beneficios recebidos. Entre outras, receberam-se as seguintes:

P.e Rodrigo de Monterroso (M. de Canavezes) 5$000 rs.—D. Maria Augusta M. V. (idem) 6$500 rs.; — D. Maria Angelina de Moraes (Chaves) 1$300 rs., por si e por uma sua conhecida; Casimiro P. Costa (Rio de Janeiro) 20$000 rs. fracos; Collegio do Espirito Santo (Braga) 20$000 rs., sendo metade d'esta quantia para o Sanctuario do Porto d'Ave; Jesuina de Jesus Filippe (Varatojo) 3$000 rs.; Vigario Geral de Thomar 1$000 rs.; H. G. (Portalegre) 300 rs.; M. C. (idem) 100 réis.

LISBOA

Centro Parochial dos Anjos

Todos os actos de devoção têem sido feitos, como nos outros mezes, com muito fervor e devoção e muita concorrencia de fieis, em todas as *terças-feiras* de manhã e tarde, e no quarto domingo, havendo grande numero de Communhões. Deu-se pão a 80 pobres em todas as terças-feiras, havendo antes a costumada *prática,* e, mercê de Deus, tem-se tirado optimos fructos. O cofre tinha 24:000 réis. Na caixa *das petições* foram encontradas 20 cartas, pedindo diversos favores espirituaes e temporaes, e na *das acções de graças* foram encontradas 10, agradecendo differentes beneficios, tambem espirituaes e corporaes.

Eis algumas

Petições

Meu bom Santo Antonio:— Vós nunca abandonaes os que a vós recorrem implorando o vosso valioso auxilio; acudis aos afflictos e aos desamparados; aqui vem, pois, a vossos pés uma pobre mãe que vos pede do fundo d'alma que convertaes um pobre filho que está afastado de Deus e esquecido d'ella, e outro que está sem posição para que se empregue brevemente, pois que não o póde sustentar. Ouvi-me, pois, glorioso Santo Antonio, e eu vos prometto publicar estas duas graças, e dar 100 rs. para o pão dos vossos pobresinhos. — *A.*

— Meu amabilissimo Santo Antonio: — Venho mais uma vez implorar a vossa protecção que tão necessaria me é, e supplicar-vos que rogueis a Jesus que se digne n'este Oitavario da Immaculada Conceição de Sua Mãe SS. dar-me a conhecer a vocação que devo abraçar para sua honra e gloria e salvação da minha alma. — *Uma devota de Santo Antonio.*

— Ó glorioso Santo Antonio: — Milagroso Santinho e amado Protector, peço-vos com toda a devoção que façaes o milagre de salvar o T. d'aquella tão grande doença; dae-lhe dentro em pouco umas melhoras sensiveis e salvae-o. Ouvi meus rogos para consolação, allivio e socego do enfermo e alegria de todos. Esperando alcançar esta tão grande graça, eu vos prometto para o pão dos vossos pobresinhos 500 rs. — *A.*

Agradecimentos

Meu querido Santo Antonio: — Ja ha mais tempo que devia ter agradecido, mas só agora o pude fazer. Muito reconhecida vos agradeço a grande graça que me alcançastes, pois a desejava tão ardentemente, que, apesar da minha fé, parecia me que nunca a alcançaria, e quando menos a esperava, tive a alegria de a alcançar. Bemdito seja N. Senhor, que se dignou dar tanta virtude ao meu querido Protector Santo Antonio! Agora, meu querido Santo, alcançae-me de Jesus e Maria muito fervor e perfeição para que, pela minha vida boa e santa, eu agradeça a Jesus, Maria e José, e a Vós, tão grande beneficio que alcancei. Remetto a minha humilde esmola para os vossos pobres, como vos tinha promettido. — *Uma humilde zeladora e terceira franciscana.*

— Meu querido Santo Antonio: — Agradeço-vos a graça que me fizestes, de eu melhorar rapidamente; muito reconhecida vos estou, e envio a pequenina esmola de 100 rs. para o pão dos vosso pobresinhos, e peço-vos continueis a proteger-me. — *Vossa humilde serva e zeladora.*

— Meu bom Santo Antonio: — Agradeço-vos a graça de converterdes o meu F. Offereço-vos 100 rs. para o pão dos vossos pobresinhos.— *Uma devota de Santo Antonio.*

Ha ainda outras cartas agradecendo beneficios de ter alcançado a saude a doentes, convertido peccadores, de ter deparado objectos perdidor e socegado corações attribulados, etc..

Roga-se aos associados que rezem 2 Ave-Marias pela conversão de 2 peccadores e por outras urgentes necessidades, e não se esqueçam de orar pelos nossos queridos associados defunctos. — *P.e Director.*

COIMBRA

Segundo lemos na «Ordem», estabeleceu-se, no dia 9 do corrente, a obra do *Pão de Santo Antonio* no Real Collegio Ursulino, havendo por aquella occasião uma solemne festividade, com pratica pelo sr. dr. Thiago Sinibaldi.

Para este fim mandaram vir de França uma primorosa imagem de Santo Antonio, que já se acha exposta á veneração dos fieis.

A cidade de Coimbra occupa um logar muito preeminente nas tradições antonianas: é de crer pois que o Santo Thaumaturgo será tambem alli prodigo de suas graças e favores, como é em tantas outras partes.

PORTO D'AVE

Entre as cartas ultimamente encontradas no respectivo cofre, vinham as seguintes, em acção de graças:

Meu bom Santo:— Agradeço-vos a graça que me fizeste; dou-vos 500 rs. para o pão dos vossos pobresinhos. — Sobradello.

— Obrigado, meu glorioso Santo Antonio; Porque se realisou a união de uma familia com Deus, como eu vos tinha pedido. Satisfaço o que vos prometti para os vossos pobresinhos, dando a esmola de 500 rs.

BARBUDO

(Diocese de Braga)

A obra do pão de Santo Antonio vae prosperando, e as esmolas offerecidas ao glorioso Thaumaturgo vão sempre mitigando a fome aos necessitados. Entre as cartas ultimamente extrahidas do respectivo cofre vinham as seguintes:

Meu glorioso Santo Antonio: — Uma vossa devota vem pedir-vos que peçaes ao Coração de Jesus que lhe dê saude, sendo vontade de Deus, e a salvação da sua alma. Se alcançar saude dará 500 rs. para o pão dos pobres.

— Meu caro Santo Antonio:—Peço-vos o favor de fazer com que me appareçam as duas gravatas de sêda que perdi no caminho de Braga; se ellas me apparecerem darei 60 rs. para o pão dos pobres.

—Meu caro Santo Antonio:—Eu vos peço que sareis aquella pessoa minha amiga d'aquella enfermidade que tanto a faz soffrer. Dar-vos-hei um tostão, assim que ella sarar. Não vos esqueçaes d'esta vossa pobre devota.

— Meu querido Santo Antonio: — Peço-vos que intercedaes perante Deus Nosso Senhor por mim, para que me seja restituida a saude, se fôr da vontade de Deus e para bem da minha alma. Se me alcançardes a graça que vos peço no espaço de 15 dias, dar-vos-hei 200 rs. para o pão dos vossos pobresinhos que tanto amaes. — *Uma vossa devota.*

ANGRA

(Açôres)

Como annunciamos no numero passado, estabeleceu-se effectivamente a Pia União e Pão dos Pobres na egreja de S. Francisco d'aquella cidade, no dia 5 de Dezembro passado, effectuando-se n'esse mesmo dia a primeira distribuição de pão.

Eis como o nosso piedoso Collega, o «Peregrino de Lourdes», dá noticia da tão sympathica festa:

«Correu com muita edificação a primeira distribuição que se fez do Pão de Santo Antonio na ultima dominga pelas 4 horas da tarde.

De manhã houve Missa solemne, sendo a musica desempenhada pela capella dos seminaristas, que prestaram um bello serviço que Nosso Senhor lhes ha-de recompensar.

Prégou ao Evangelho o snr. Conego Ferreira, fazendo o panegyrico do glorioso Santo e expondo com toda a clareza o que era a *Pia União* de Santo Annioto e o Pão dos pobres.

De tarde fez uma pratica sobre o mesmo assumpto seguindo-se a distribuição de uns 250 pães de trigo a um igual numero de pobres. A distribuição era feita pelos Irmãos Terceiros e executou-se tudo na melhor ordem, ficando todos encantados com aquelle edificante acto.

O altar de Santo Antonio estava lindamente ornado e foi junto d'elle que se benzeu e distribuiu o pão dos pobres.

Uma festa encantadora que deixou as mais bellas impressões.

Oxalá Santo Antonio conceda aos seus devotos todas as graças que estes lhe pediram, se assim fôr para maior gloria de Deus, para que o pão dos pobres possa ser distribuido em grande abundancia.»

Recebemos tambem, de varias outras partes, a noticia de singulares favores concedidos por Santo Antonio. Ahi vão algumas d'essas cartas :

... Snr. — Não podendo deixar de atribuir á protecção de Santo Antonio dois factos succedidos commigo, e desejando ser grato e concorrer para o bem dos affectos e gloria de tão insigne Protector, vou narrar a V... o que me aconteceu, assegurando, *in verbo sacerdotis*, que exponho simplesmente a expressão da verdade. Uma creadita minha, haverá dois ou tres annos, perdeu um brinco das orelhas: procurou-o tres dias inutilmente sem me dar part· do que lhe succedera; mas viu-se por fim obrigada a dizer-mo, e logo eu prometti a Santo Antonio 200 rs. para o pão dos pobres, se o brinco apparecesse. Dito e feito: não tinham ainda decorrido cinco minutos depois da minha promessa, e apresenta-se-me a rapariga saltando de jubilo, com o brinco achado no pateo.

Outro.—Tenho n'esta semana revolvido todos os papeis e livros do meu escriptorio procurando dois papeis de importancia e indispensaveis. Hontem e hoje não fiz senão procural-os. Agora, 3 horas da tarde, tendo perdido já a cabeça e toda a esperança de encontral-os, por diligencia minha, prometti a Santo Antonio outros 200 rs. para o pão. D'ahi a dois minutos achei o papel mais importante, onde o tinha procurado duzias de vezes inutilmente. Então chamei a minha familia e disse: Vejo que Santo Antonio é guloso e quer pão; pois ha-de dar-me outro papel para o ganhar ; e logo, na gaveta da secretária que eu tinha revolvido mil vezes, achei o 2.º papel. Bemdito seja Deus, e louvado seja o Santo! Remetto os 200 rs. — Torres Novas. — O Prior *J. Duque*.

— Agradeço-vos, meu Santo Antonio, o ter apparecido uma pessoa da familia que desapparecêra ; e se vós me ouvirdes n'outra supplica, darei uma esmolinha para os vossos pobresinhos. Convertei quem vós sabeis. — *Uma sssigannte da Voz de Santo Antonio*.

— Meu querido Santo Antonio, meu bom e zeloso protector: — Cheia de reconhecimento vos agradeço a protecção dispensada a meu filho no fim do anno. Peço-vos que nunca o abandoneis, para que elle possa obter sempre bom resultado nos seus estudos. — *Uma humilde devota*.

Rendimento dos cofres do pão de Santo Antonio

Braga : — 1.ª quinzena de Dezembro 138$595, incluindo uma libra em ouro e uma moeda de 5$000 rs. 2.ª quinzena 126$870. Total 265$465 rs.

Lisboa : — Centro dos Anjos: Foi ultimamente encontrada a somma de 24$000 rs.

Porto d'Ave : — Durante o mez de Novembro 21$800 ; durante o mez de Dezembro 20$600 rs.

Recommendações

Na caixa das petições de Santo Antonio foi encontrada a seguinte carta :

«J. M. J.—Irmãosinhos: pedi por caridade ao Santissimo Coração de Jesus e á Virgem Maria e a Santo Antonio por dois filhos que tenho no Brazil muito doentinhos e pobres, para que Nosso Senhor lhes dê aquillo de que elles mais necessitam e os abençôe. Um é Augusto dos Anjos, outro Antonio da Silva. Pedi por elles pelo divino amor de Deus.»

Tambem recommendamos ás orações dos nossos leitores e devotos de Santo Antonio as melhoras do nosso Presado Amigo o Ex.mo Snr. Domingos José de Souza Gomes, Thesoureiro e Editor responsavel da «Voz de Santo Antonio», o qual actualmente se acha em tractamento na Suissa.

Pedem-se tambem orações por dois peccadores ; por duas necessidades recommendadas por uma devota de Santo Antonio de Azurara e por uma outra recommendada por uma pessoa da Povoa de Varzim.

Pie Jesu Domine, Dona, eis, requiem. Amen.

OS NOSSOS DEFUNCTOS

Irmã Francisca da Paixão. Da Congregação das Franciscanas Hospitaleiras Portuguezas. Falleceu no hospital da Covilhã, victimada por um typho que a colheu na flôr da edade. O seu enterro fez-se com extraordinaria pompa: acompanharam o feretro 25 irmandades, 3 bandas de musica e innumeravel povo. A causa da sua doença é attribuido ao insalubre e mal arejado da casa em que servia, como ainda ha pouco notava o correspondente d'aquella cidade para o «Correio Nacional», chamando-lhe «paródia de hospital».

Irmã Balbina da mesma Congregação no antigo convento do Salvador em Braga.

P.e Joaquim José Marques (Louzada), assignante da «Voz de Santo Antonio».

D. Margarida Angelica da Victoria d'Aragão e C. de Carvalho, da Ordem Terceira de S. Francisco.

R. I. P.

Secção Scientifico-litteraria

Quadros biblicos

JOSÉ

(Continuado do n.º 12)

III

Ao romper da aurora do quarto dia depois da scena marcada no capitulo antecedente desta ligeira narração, todos os filhos de Jacob, menos José, vão conduzir os seus rebanhos aos campos de Sychem. O patriarcha lançou-lhe a sua benção e ficou á porta da sua tenda, vendo partir os filhos, e suppondo que elles vão tão alegres como elle fica, vendo-os todos fortes, e submissos á lei do Senhor.

Mas quem póde adivinhar o que se passa dentro do coração do homem?

Chegados á planice, os rebanhos espalharam-se pelos campos, e os filhos antes de começarem os seus trabalhos descançaram um pouco.

— José, descança hoje, disse Judá com certa amargura . . .

— E' o predilecto de nosso pae, disse Dan. Bem mal faz elle em dispensar mais carinhos a José, porque um pae deve ser como Deus na distribuição dos carinhos para com seus filhos.

— Mas, interrompeu Ruben, o mais velho dos filhos de Jacob, se o nosso irmão José tem mais merecimentos do que nós, deve tambem ser mais considerado.

— Entretanto hade ser elle quem nos domine; hade ser a palmeira a quem nos havemos de chegar para buscar a sombra, exclama Semião com desdem.

— Trabalhemos, irmãos, e não estejamos provocando a ira de Deus, e com estes pensamentos enfraquecendo os nossos braços para o trabalho.

Passou-se o dia, e á noite, como muitas vezes succedia, não voltaram a casa e ficaram guardando os rebanhos.

Depois de entoarem graças ao Senhor, Ruben tomou o logar do venerando patriarcha e n'essa singella cabana, Semeão trouxe leite n'um vaso de barro, Dan partiu o pão e o queijo; comeram e em seguida resando ao Senhor por seu velho pae, queriam esquecer o nome de José.

— Irmãos, disse Ruben, imploremos ao Deus de Abrão tambem pelo nosso irmão, que a esta hora na tenda de nosso pae, tambem se não esquece de nós.

Depois deitaram-se, servindo-lhes de camas molhos de palha e de cabeceiras pedras sobre as quaes collocavam hervas seccas. Instantes depois ouvia-se apenas o respirar tranquillo d'aquelles seres, e a lua formosa n'um céo azul vivissimo, enviava-lhes os seus raios, que atravez dos ramos espelhava-se nas faces d'aquelles homens como um clarão de felicidade enviado por Deus.

Passaram-se trez dias e elles sem voltarem a receber a benção de seu pae. Então Jacob temendo que alguma desgraça lhes succedera disse ao seu filho bem amado:

— José, meu filho querido, ha trez dias que teus irmãos partiram para as planicies de Sychem.

— Bem sei, meu pae, o que vae ordenar. Quer que eu parta em sua busca, e lhe venha dar boas novas de meus irmãos.

— Se não fôr ainda tarde, volta hoje mesmo aos braços de teu pae que ancioso te fica esperando.

— A sua benção, meu pae, e partirei já. O sol ainda apenas vem dourar os ramos mais erguidos das arvores. Já tenho agua n'este vaso para todo o caminho.

E José partiu em busca de seus irmãos. Seu pae contemplando o céo, ficou pensando em seus filhos, e recordava-se da sua formosa Rachel.

Apenas José chegou ás planicies de Sychem e foi visto pelos irmãos, o anjo do mal veio despertar em seus corações os mais ruins sentimentos.

Dan, Judá, Semeão e Levy, exclamaram:

— Matemol-o!!

— Que dizeis, irmãos, disse Ruben, quereis renovar as scenas de Caim? Quereis manchar a terra com o sangue do cordeiro innocente! Irmãos, calae-vos, não façaes erguer sobre nós a espada da divina justiça.

Olhae: não vedes como o pobre moço vem tão alegre aos nossos braços, quereis pagar com o maiór crime, affeição tão carinhosa?

Irmãos, eu vos amaldiçôo em nome de nosso pae, o venerando patriarcha.

Mas estas palavras não cortaram o mal pela raiz.

— Lançemol-o n'aquella cisterna por hoje sómente.

Mostremos a José que elle é mais pequeno e que nos deve temer.

— Pois bem, lancem José na cisterna, disse Ruben, fazendo o firme proposito de o libertar logo que todos os irmãos se deitassem.

O filho predilecto de Jacob aproximou-se, abraçou os irmãos, e disse-lhes que ia em sua procura, por que seu pae estava cheio de cuidado pela sua ausencia.

Dan, lançou então uma venda a José, o qual não sabendo as intenções de seus irmãos, se deixou, sem a menor resistencia, levar para o fundo de uma cisterna, que estava secca.

Pela tarde Judá, Levy e Semeão estavam proximo da morada que tinham dado ao innocente moço, quando avistaram uma caravana de Medianitas arabes de Ismael, que vinham de Galaad, conduzindo camellos carregados de urnas, aromas e myrra destillada.

— Então, disse Judá, não é melhor vendermos José a estes homens do que deixal-o morrer á sêde dentro d'este carcere?

— Sim, disse Levy. Sem mancharmos as mãos no sangue de nosso irmão, ficamos por este modo livres d'elle.

Approximados os Madianitas, José foi tirado da cisterna, e recebendo uma duzia de peças de ouro, o filho bem amado de Jacob foi collocado sobre um camello, tendo-lhe antes os irmãos tirado os seus vestidos.

E José nem uma palavra de indignação lançou aos irmãos que o venderam e o entregaram com tanto desamor aos estrangeiros.

Ruben que não assistiu a esta scena, vem proximo da noite para levar o irmão conduzindo-o depois aos braços do pae. Mas qual foi a sua dor vendo que José já alli não estava, e que provavelmente os irmãos o tinham morto. Indo em sua busca, encontrou-os reunidos e contando as peças de ouro.

— Que fizesteis, irmãos, sacrificasteis o cordeiro innocente á vossa ira sem fundamento? Amaldiçoados sejam todos os que teem tintas as mãos n'aquelle sangue.

— Não o matamos, vendemos José aos arabes de Ismael.

— O nosso irmão, disse Benjamin, limpando as lagrimas, nem disse uma palavra contra nós, e resignado, olhando para o ceu, deixou que os arabes o amarrassem como se fôra um escravo.

— Que será de nosso pae, sabendo da desgraça de seu abençoado filho! Oh! irmãos malditos, á ira do Senhor não tardará a pesar sobre nós todos.

—Meu pae, meu pae, que será de vós, exclamou Ruben tristemente.

— Matemos um cabrito, disse Judá, e com o seu sangue salpiquemos os fatos de José, e depois diremos a nosso pae que algum animal matou o nosso irmão.

— Esse golpe é profundo, comtudo o nosso patriarcha antes quererá saber que elle morreu do que ser vendido aos estrangeiros.

Partiram em seguida para a tenda de seu pae; ao chegarem á habitação, todos os irmãos apanhavam mão cheia de terra e ao transpôr os humbraes da casa, e vindo-lhe ao encontro Jacob, lançavam a terra sobre as cabeças e Levy estendeu os vestidos de José no centro da casa e aos pés do velho patriarcha.

— Pae, disse Ruben, com a mais profunda magoa, quando voltamos de Sychem, para receber a vossa benção, encontramos os vestidos de José. Provavelmente foi victima de algum animal feroz.

— Meu filho, meu filho, já não te posso cingir nos meus braços! Quem me dará conforto em tamanha desgraça! José, que era o escolhido de Deus para com o esplendor do seu espirito ser o sol henefico a aquecer todos os seus irmãos, morto, morto ás garras de um animal feroz!... Rasgae os vossos fatos, meus filhos, ide buscar cinza e lançae-m'a sobre a minha cabeça, porque esta dôr é a mais profunda da minha vida. Eterno Deus, immensa compaixão dispensastes ao patriarcha Abrahão, quando no alto da montanha de Moraya ia sacrificar meu pae Isaac, compadecei-vos hoje do vosso mais humilde servo, mandae-me o balsamo da resignação para a minha alma sem conforto. Filhos, abandonae vossos leitos, e seja a cinza hoje onde repouzemos.

O neto de Isaac foi chamado pelo Senhor.

E as lagrimas cahiam abundantes dos olhos do patriarcha, lagrimas d'uma dôr profunda, que trespassáva o coração do ve-

lho pae, que vira n'aquelle filho o escolhido de Deus, um thesouro de sciencia e de virtude.

Nas frontes dos filhos havia tambem magua, mas da que ainda talvez doesse mais: havia o pesar do arrependimento. O remorso começava a roer-lhes o coração e as lagrimas d'uma dôr afflicta já lhes assumava aos olhos e lhes queimava as faces.

Recordavam-se então do irmão que para elles era tão carinhoso, que lhes não dirigiu uma só queixa no momento de o venderem, e a pena de terem praticado uma acção tão vil cravava-se-lhes profunda no coração.

Desgraça da humanidade; é sempre depois do mal causado, que nasce o pesar. Por que não vem antes ou no momento em que o genio de azas negras nos tenta? Genio do bem, porque é sempre tão vagaroso o teu caminho? ainda assim, felizes dos que erram, mas a quem depois surge o remorso, purificando-os do mal.

(Continúa).

Orphãosinho

Vêde aquella creança abandonada!
Orphã de paes, e ainda mais d'amor,
Anda de porta em porta, como a flôr
Pelo val do vento arrebatada.

Chora e caminha sem achar pousada,
A noite vem, com ella vem a dôr
Que lhe tolda das olhos o fulgor,
Como a nuvem a lua prateada

Este anjo lindo mais que a linda rosa
Vae por entre cidade populosa...
E do seu pranto só vê o desdem!

Mães. cujo seio é vaso transparente
Onde cae da creança o pranto ardente,
Dizei ao orphão — és meu filho tambem!

PONTES.

Sursum corda!

Como é bello attingir os vinte annos
Sem um espinho a f'rir o coração!
Olhar a vida — erma aos desenganos,
Olhar o porvir — limpida visão!

Luctar — titans — a esforços sobrehumanos!
Cantar — vates — em sancta oração!
Passar de fronte erguida, quaes sob'ranos,
Fitando a Gloria — estranha região!

Fortes pela fé, grandes pela esp'rança;
Juntar o céu á terra em santa alliança,
Sorrindo á morte, defrontando a Dôr!...

.....

Venham os tufões, uivem as procellas!
Inda hav'rá força para combatel-as:
Na terra ainda não morreu o Amor!

PONTES.

BIBLIOGRAPHIA

Manual do Santo Rosario — Sua sciencia doutrinal e pratica pelo Rev.º P.e Matheus José Rous sel da ordem dos Prégadores — traduzido da 3.ª edição franceza sob a direcção do Rev.º P.e Pedro Hickey da mesma ordem. — Lisboa, typ. da Comp. Nacional Editora 1897.

E' um excellente volume que encerra quanto ha de melhor sobre a divina devoção do Santo Rosario, tão recommendada por Leão XIII. aos Rev.os Parochos que devem explicar ao seu rebanho esta preciosa devoção, maximamente no mez de outubro, e a todos os fieis desejosos de se instruir na sua doutrina, ousamos recommendar este bello manual.

Almanak da Provincia do Minho — Commercial, borocratico, descriptivo, chorographico e historico, para 1898 — 5.º anno da sua publicação; — continuação do Almanak de Braga e seu Districto. — Braga, Livraria Central Editora de Laurindo Costa.

Insere optimas indicações uteis a todos os individuos a que é destinado. O excellente editor, Snr. Laurindo Costa torna-se por isso crédor das sympathias do publico.

Elementos de Chronologia, Geographia e Chorographia de Portugal — Para as Escolas de Instrucção Primaria Elementar (2.º grau) illustrados com gravuras e um mappa chororographico que redigiu conforme o programma de 18 de junho de 1896. Ricardo Diniz de Carvalho etc., etc. 3.ª edição — Coimbra — França Amado, editor 1897.

E' um excellente opusculo que tem a recommen-

dal-o a proficiencia e talento do seu auctor, membro de varias academias e professor legalmente habilitado em curso superior.

Almanak de los amigos del Pa-pa— Publicado por la Revista Popular— Barcellona 1897 — Libraria e typographia Catholica.

De todos os almanaks que recebemos este é sem duvida superior no seu genero, ja pela parte litteraria, que é de primeira ordem, já pelas ideias que todas tendem ao mais nobre dos fins: a moralisação dos leitores por meio de contos recreativos e summamenteingenhosos, já pela parte artistica da illustração que é primorosa.

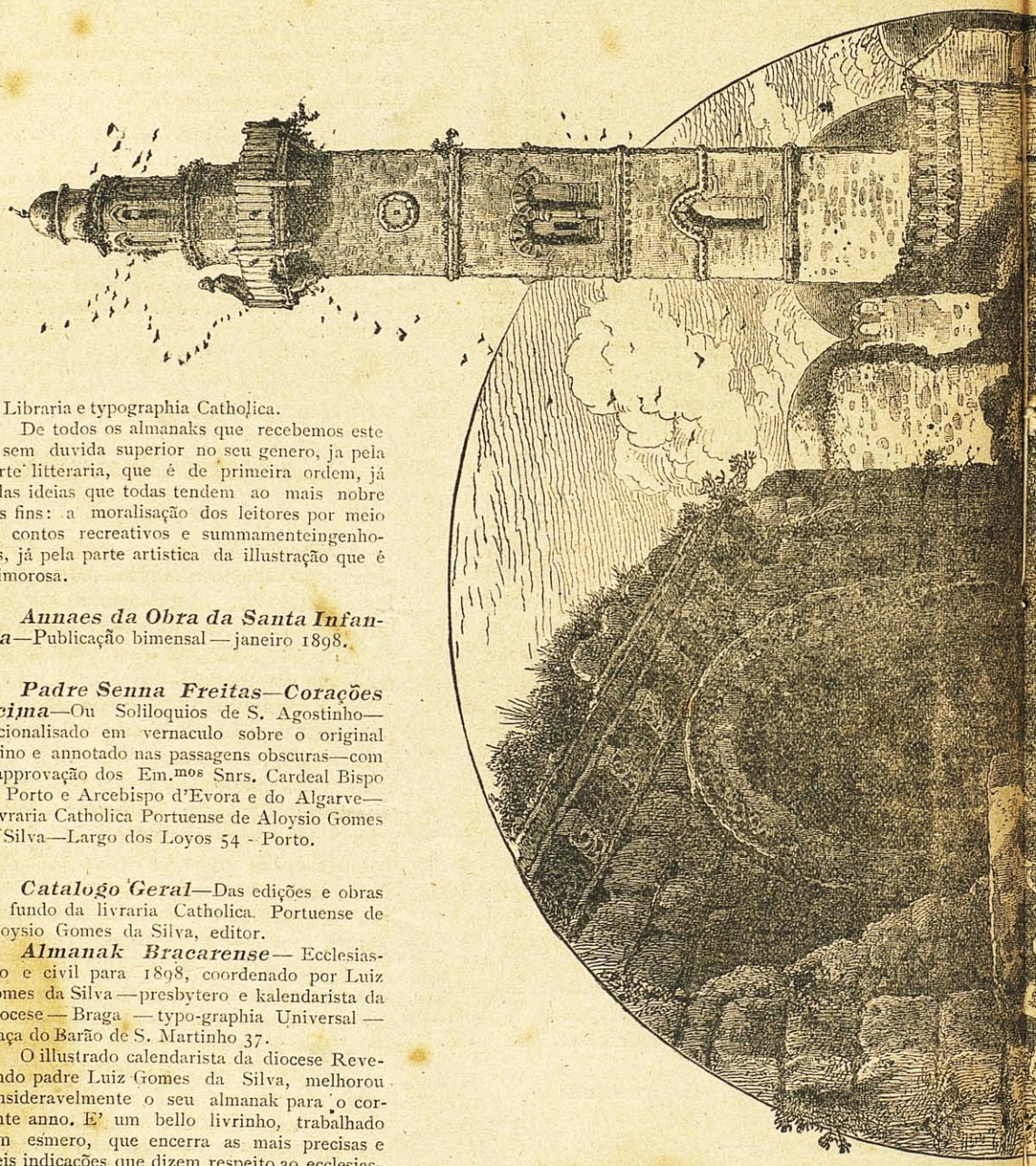
Annaes da Obra da Santa Infancia—Publicação bimensal—janeiro 1898.

Padre Senna Freitas—Corações Acima—Ou Soliloquios de S. Agostinho—nacionalisado em vernaculo sobre o original latino e annotado nas passagens obscuras—com a approvação dos Em.mos Snrs. Cardeal Bispo do Porto e Arcebispo d'Evora e do Algarve—Livraria Catholica Portuense de Aloysio Gomes da Silva—Largo dos Loyos 54 - Porto.

Catalogo Geral—Das edições e obras de fundo da livraria Catholica Portuense de Aloysio Gomes da Silva, editor.

Almanak Bracarense— Ecclesiastico e civil para 1898, coordenado por Luiz Gomes da Silva—presbytero e kalendarista da Diocese—Braga —typo-graphia Universal—praça do Barão de S. Martinho 37.

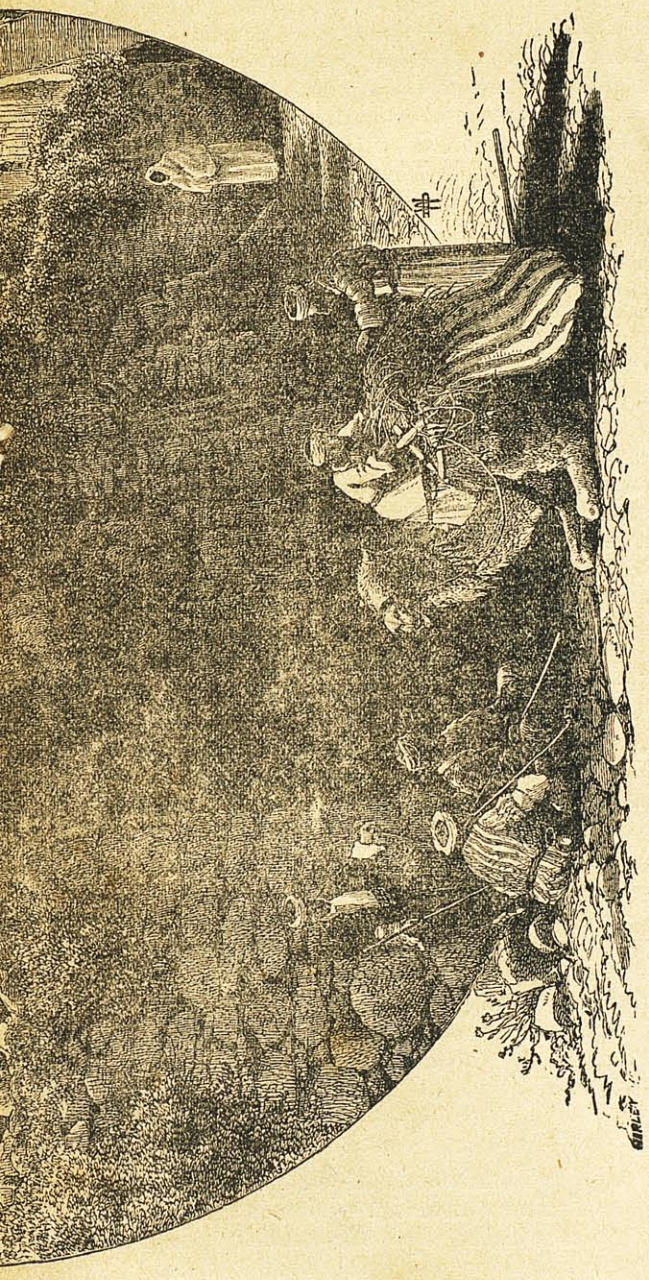
O illustrado calendarista da diocese Reverendo padre Luiz Gomes da Silva, melhorou consideravelmente o seu almanak para o corrente anno. E' um bello livrinho, trabalhado com esmero, que encerra as mais precisas e uteis indicações que dizem respeito ao ecclesiastico e ao civil da nobre cidade dos Arcebispos. Tem a sobredoural-o um outro titulo: é o desinteresse do auctor para com o seu trabalho; pois que o producto da venda d'este almanak, cujo preço é apenas de 80 reis, é todo destinado a uma excellente obra de caridade e religião qual é o Instituto das Franciscanas Missionarias de Maria, sympathica Congregação, que se propõe enviar missionarias para as nossas colonias, onde já se acham trabalhando algumas d'estas religiosas. Merece pois toda a protecção do publico, o optimo livrinho do zeloso sacerdote d'esta cidade, o bom P. Luiz Gomes.



Que em breve se esgote a edição é o que do coração lhe desejamos.

— Agradecemos o 8.º opusculo da Propaganda Catholica de Peniche — *Liberdade Egualdade, e Fraternidade* — e *Leitura Recreativa*.

Revista Ecclesiastica — Esta excellente publicação bimensal que tão bom acolhimento tem tido do clero hespanhol encetou agora o seu segundo anno.— A todos, principalmente ao clero, recommendamol-a pelo bem que versa todas as questões de que se occupa.



O HOSPICIO DE S. JOÃO E MINARETE DE HOMAR (JERUSALEM)

E' seu preço de 8 pesetas.

Huesca — Hespanha.

Educação Nacional — Jornal pedagogico de collaboração distincta dos primeiros pedagogistas de Portugal e de professores mui conceituados. — Sae, com regularidade irreprehensivel, aos domingos.

Em todos os numeros ha secção doutrinaria, litteraria e variadas notas e informações, além da permanente secção dos actos officiaes da instrucção publica.

E' um jornal indispensavel a todos os professores e amantes da instrucção nacional.

A assignatura annual custa 1$600 réis e meio anno 800 réis. Pagamento adiantado.

Redacção e administração — Campo dos Martyres da Patria, 21—Porto.

Catecismo de perseverança. — Recebemos, offerecido pelo seu editor, o snr. Antonio Dourado, mais dous fasciculos, 7.º e 8.º, d'esta excellente obra do Padre J. Gaume. Como se vê, o editor continua a fazer a publicação com toda a regularidade, o que é digno de louvor.

Com mais um ou dois fasciculos, ficará concluido o primeiro volume, que terá mais de 400 paginas, em formato grande. Já dissemos que, depois de concluida a obra, o peço será augmentado. Portanto, todas as pessoas que desejem adquiril-a bom é que a assignem já, para não terem de a pagar por preço mais elevado.

Quem não quizer pagal-a toda junta, póde pagal-a de cinco em cinco fasciculos, que o editor se encarrega de mandar fazer a cobrança pelo correio. E' uma vantagem não pequena para os bolsos pouco abastados.

As nossas illustrações

A Sagrada Familia. — Entre as muitas obras que farão immortal o pontificado de Leão XIII, ha a mencionar, em primeira linha, os ardentes esforços que tem envidado para dar á familia uma constituição verdadeiramente christã.

Este pensamento, que tem sido o objecto de muitos actos pontificaes, levou, ainda ha pouco tempo, o grande Pontifice a formar uma nova associação, cujo fim principal é a santificação do lar domestico. Refiro-me á «Pia União da Sagrada Familia». Leão XIII comprehendeu quão poderosa influencia poderão exercer, no espirito catholico, os exemplos que nos deu a Familia mais Santa que jámais se viu sobre a terra.

E de feito: que sublimes ensinamentos nos está dando o humilde lar de Nazareth! Que união, que paz, que amor, que felicidade a que alli reina!

E' pois muito opportuna e a proposito a sabia instituição de Leão XIII. O exemplo da Sagrada Familia é uma lição que a todos aproveitará: em José tem o chefe de familia o mais completo e acabado modelo; Maria foi a mais perfeita das mães, e a mais affectuosa e digna das esposas; Jesus finalmente é o modelo dos filhos respeitosos e obedientes.

No lar de Nazareth todos teem que aprender, todos, ricos e pobres. Alli vivem os descendentes dos Reis de Judá, tendo ás suas ordens o Rei do Universo feito homem, todos porém agenciam com o suór do rosto o necessario para a subsistencia. Jesus Maria e José *trabalharam*: e é esta sem duvida a lição mais proficua e eloquente que nos dão.

«Jesus, diz o P.e Agostinho de Montefeltro, deu aos operarios todos os thesouros da felicidade. Querendo distinguir o operario, não podia dar-lhe maior distincção do que a de nascer e viver como um operario entre operario. O rico não póde dizer: «O meu Deus foi rico, como eu»; nem o sabio: «O meu Deus honrou a eschola d'onde eu sahi». Só tu, operario, pódes justamente exclamar com orgulho: «O meu Deus soffreu o que eu soffro, o meu Deus fez o que eu faço; o seu palacio foi a officina, o seu sceptro foi o instrumento do trabalho».

Leão XIII instituiu tambem a festa da Sagrada Familia, que é celebrada no 3.º domingo depois da festa da Epiphania (este anno a 23 de Janeiro).

A Torre do Ouro. (Sevilha). — As duas gravuras que offerecemos hoje aos nossos Leitores, representando este antigo monumento, recordam ao mesmo tempo uma das mais illustres glorias da Ordem Franciscana.

Um dia o Glorioso Patriarcha de Assis confiava a cinco de seus mais illustres filhos uma tão difficil quanto honrosa missão. Deviam elles, sob a obediencia de Fr. Vital, ir prégar a fé aos infieis do occidente, em quanto Francisco d'Assis iria em pessoa aos do Oriente.

Foram, effectivamente, os cinco religiosos, tendo por superior a Fr. Berardo, o qual substituira Fr. Vital, que ficára doente em Aragão. Dirigiram-se primeiro a Sevilha, onde prégaram a fé com grande intrepidez, chegando mesmo a entrar na mesquita dos mouros para ahi annunciar a palavra divina. Foram logo presos e encerrados n'uma alta torre, onde estiveram por muitos dias soffrendo privações e maus tratos incriveis. Elles porém não cessavam de alli mesmo prégar aos mouros que, com grande curiosidade, se aproximavam da torre para ouvir aos que elles julgavam mentecaptos. Isto fez com que, passados poucos dias, fosssem deportados para Marrocos, onde soffreram o mais cruel martyrio.

Ora a torre onde, em Sevilha, estiveram presos os cinco heroes da fé, representam-na as duas gravuras que offerecemos aos nossos leitores. O monomento tem triumphado das vicissitudes dos tempos, e lá se conserva ainda hoje, passados sete seculos, mais glorioso e memoravel por haver sido consagrado com a presença de cinco pobres e humildes frades, do que por haver assistido á magnificencia e esplendor da cultura e civilisação mourisca da princeza do Guadalquivir.

A festa dos cinco Martyres de Marrocos, cujos corpos se veneram em Coimbra, celebra-se no dia 16 de Janeiro.

O hospicio de S. João e Minarete de Homar. (Jerusalem). — Junto a suas mesquitas costumam os mouros construir uma alta torre, terminada como os nossos campanarios, e algumas vezes mesmo em fórma de flecha. Estes grandes edificios são rodeados, em differentes alturas, por amplos balcões onde sóbe o *muezzin* para d'alli annunciar ao povo as horas de oração, repetindo em altas vozes, e na direcção dos quatro pontos cardiaes: *Só Deus é Deus; Mahomet é seu propheta.* A este edificio singular deram o nome de *minarete,* (do arabe *menareh* ou *minareh*).

A nossa gravura representa o magnifico minarete que está annexo á mesquita de Homar, em Jerusalem. Lá se vê no alto o diligente *muezzin,* convidando aos louvores de *Allah* os seus fieis adoradores, entregues sem duvida ás orgias do mais grosseiro sensualismo.

Junto vêem-se as ruinas do hospicio de S. João, que lá está perpetuando a ephemera duração do reino de Bouillon. Os dois monumentos caracterisam eloquentemente as religiões cujos ideaes os animam e lhes dão vida: um é a magestade grave e austéra do christianismo; o outro o sensualismo e vaporosidade do mahometismo.

Asylo de infancia desvalida dos SS. Corações de Jesus e Maria (Barcellos). — No conceito de quantos conhecem este bello estabelecimento de caridade e educação, dirigido pelas benemeritas Irmãs Hospitaleiras portuguezas, é elle, por sem duvida, modelo para instituições suas congeneres.

Vezes muitas o tem provado e novamente o confirmou na sua ultima exposição de

trabalhos realisada para festejar o seu oitavo anniversario.

Não tem sido com o favor de programmas aparatosos a estadearem meritos phantasticos, mas á força de trabalho perseverante e primores de educação, que este asylo-collegio ha conquistado os merecidos creditos de que presentemente gosa.

O escol, a fina flôr de Barcellos lá manda educar suas filhas. E não é só Barcellos que lá manda suas filhas, porque tambem d'outros pontos da provincia alli se vão internar meninas ás quaes suas familias desejam dar uma educação esmerada e escrupulosa como convem a pessoas que frequentam as classes cultas e illustradas.

N'elle se ensina instrucção primaria e secundaria, musica e francez. Ensina-se além disso, com a maxima perfeição, a bordar a branco, a lã em alto relevo, a ouro, a matiz, a ouro e matiz, a escomilha e a escama de peixe; a trabalhar em flôres artificiaes de conchas, de escamas de peixe, de sêda, etc.; diversos generos de costura e outros trabalhos de differentes gostos e feitio, taes como *crochet*, meia, malha, marcar, arranjos domesticos, etc.

De todos estes generos de trabalhos foram apresentados na ultima exposição diversos modelos, muitos dos quaes estavam primorosamente bem acabados e mais pareciam obra de habeis professoras do que producto de mãos de crianças. O que é argumento da aptidão das excellentes Directoras do asylo e revela grande competencia das mesmas para o ensino. Se nos sobrasse espaço dariamos succinta relação dos diversos trabalhos da exposição e os nomes das meninas que melhor se houveram na execução dos mesmos, ás quaes foram conferidos diplomas em sessão solemne realisada para o intento.

Que elle continue merecendo as sympathias e o favor de todos são os nossos votos e ardentes desejos.

CHRONICA UNIVERSAL

PORTUGAL

O exercito portuguez — A proposito do desastre soffrido pelos nossos soldados no Humbe, de que resultou a morte do conde de Almoster, de um sargento e alguns militares, que preferiram morrer honradamente do que fugir diante do inimigo tão numeroso, escreve um jornal da capital franceza, o «Paiz», as palavras seguintes:

«E' necessario que a Europa inteira ponha os olhos na valentia e disciplina do exercito portuguez, que ha annos, mostra em Africa, que é, ainda que pequeno, um exercito exemplar. As suas victorias têem sido importantes, e trarão ao sympathico paiz fructos de benção mais ou menos remotos».

Estas palavras são bem dignas de memoria. E' bom que o exercito seja considerado pelos estranhos na conta devida.

Congresso do professorado primario — A convite da «Educação Nacional» celebrou-se nas ferias do Natal o 3.º congresso do professorado primario portuguez. A concorrencia excedeu toda a expectativa. Foram alli tratadas com proficiencia as principaes questões do ensino: reformas da nova refórma, novas leis a introduzir, meios de propagar a instrucção, etc.

A benemerita direcção da «Educação Nacional» póde justamente orgulhar-se de vêr tão bem coroados os seus esforços.

Pena foi que a presidencia do congresso fosse confiada a um homem, que é o chefe da maçonaria, essa seita nefanda que é a causa principal da decadencia moral, a que chegamos.

Reunião episcopal — Sob a presidencia do Snr. Cardeal Patriarcha reuniram em conferencia no dia 10 quasi todos os prelados do continente.

Instrucção secundaria — Como é sabido o governo pediu aos conselhos escolares dos lyceus o seu juizo sobre a refórma de intrucção secundaria, que para ahi vigora, não sabemos como.

A commissão nomeada para esse effeito pelo lyceu de Lisboa apresentou já a sua opinião sobre o assumpto.

Além d'outros pontos, que a commissão entende carecerem d'uma prompta refórma, ha um — que deve ser reconhecido aos padres, que tenham o curso theologico dos seminarios, o direito de concorrerem pora o magisterio. Uma commissão eleita pelos conselhos dos lyceus e escólas superiores, dependentes do ministerio do reino deve approvar todos e quaesquer livros sobre a mesma disciplina, que julgar dignos de approvação, e que os conselhos dos lyceus sob proposta dos professores respectivos, escolham da lista approvada, os livros para texto das diversas disciplinas; porque a imposição do unico livro, que, por um lado, parece visar á uniformidade do ensino, ou não attinge este fim logo que deixe a critica livre ao professor, ou ataca a liberdade do pensamento e a dignidade do professor, fazendo d'elle um simples automato, repetidor tão sómente de ideias alheias; tolhe o progresso scientifico e litterario e prejudica o ensino, tornando-o, em ultima analyse, como um simples exercicio de memoria.

E' claro que a liberdade de pensamento tem nos institutos officiaes limitações, como são o res-

peito da ordem social, dos poderes publicos legalmente constituidos e da religião do estado.

Se, por outro lado aquella imposição visa a evitar abusos, tambem não attinge o seu fim porque deixa o campo aberto ainda para maiores. Em paiz nenhum da Europa existe semelhante disposição legal.

Demais a uniformidade do ensino consegue-se com a uniformidade do programma official.

Côrtes — Realisou-se no dia 2, com as ceremonias costumadas, a abertura do parlamento. Desde esse dia até hoje tem havido varias sessões, mas, que nos conste, ainda se não tomou nenhuma medida, que nos possa livrar do precipicio, em que estamos prestes a cair. A questão da instrucção, e o problema das missões religiosas, vão esperando que alguem se lembre de as tomar na devida conta.

Mousinho d'Albuquerque — Haverá um mez que Portugal inteiro parece esquecido da precaria situação a que chegou, para só cuidar de festejar um de seus filhos.

E' que o incomparavel vulto que tão alto elevou o prestigio do nosso exercito, e com o prestigio do exercito o nome portuguez impõe-se ao respeito e admiração de todos.

Os jornaes noticiaram ja como os povos de Leiria receberam o seu illustre conterraneo. As festas promovidas em honra do bravo militar excederam toda a espectiva, nem ha memoria no districto d'uma manifestação tão imponente como sincera.

No Porto foi egualmente recebido com grandes manifestações de regosijo. Todos os elementos das diversas corporações e partidos se congregaram para receber condignamente o seu hospede. Excederia o curto espaço, de que dispomos repetir aqui o que os jornaes disseram. Mousinho poude conhecer a estima e apreço em que a nobre e invicta cidade tem o seu incomparavel patriotismo manifestado assás nas campanhas da Africa e no môdo digno como trata com os nossos *alliados*.

A instancias dos estudantes do seminario e lyceu de Braga Mousinho fez a sua visita a esta cidade nos dias 20 e 21. Quando o bravo official chegou á estação esperavam-n'o todas as auctoridades ecclesiasticas e civis, Ex.mos Snrs. Arcebispo Primaz, governador civil, camara municipal, seminarios, collegios, etc.

A enorme multidão, talvez mais de 80:000 pessoas, levantaram os mais freneticos vivas. A' saida do wagon os alumnos de theologia e do lyceu apoderaram-se de Mousinho, e conduziram-n'o em triumpho para os paços do concelho entre as acclamações populares, e d'ahi para a Sé aonde o Snr. Arcebispo celebrou um solemne *Te-Deum*, com assistencia das auctoridades e grande numero de pessoas.

Pelas 6 horas Mousinho foi jantar ao grande hotel do Bom Jesus, havendo no regresso marcha *aux flambeaux*. No theatro houve recita de gala.

Mousinho pôde conhecer que o sagrado amor da patria ainda não morreu n'este povo do norte, e que a manifestação de que foi alvo, foi das mais lidimas e sinceras.

ROMA

Anniversario da 1.ª Missa — Para commemorar a gloriosa data do sexagesimo anniversario da primeira missa do Papa Leão XIII recebeu já da regente de Hespanha um precioso calix de ouro, ornado de pedras preciosas; seis bellos vasos de Sévres, dadiva do presidente da republica franceza; um rico cofre de joias com 50:000 florins em oiro, presente do imperador da Austria; etc.

O Episcopado dos Estados-Unidos d'America offereceu uma cruz peitoral avaliada em 50:000:000 reis.

Todos os presentes offerecidos são avaliados em mais de cinco milhões de liras.

Entre as numerosas felicitações que Sua Santidade tem recebido, ha um affectuoso telegramma do imperador da Russia, e um outro do imperador da Allemanha. De toda a parte acodem á capital do catholicismo milhares de peregrinos sobretudo das provincias italianas que no meio de tanta miseria, vêem no Papa o pae dos opprimidos.

Quando a impiedade julgava prestes a ruina da Egreja, é então que o seu chefe supremo é alvo das mais significativas provas de amor e dedicação de todos os seus filhos.

Sagração episcopal — Realisou-se no dia 10 do corrente na capella do collegio Capranica em Roma a sagração episcopal de Mons. Vico, recentemente nomeado delegado apostolico na Columbia. O Em.mo Cardeal Rampolla foi acolytado durante a ceremonia pelo de Anagui, Mons. Sardi, e por Mons. Sabatucci.

HESPANHA

Nas Fillippinas — Está felizmente confirmada a noticia, que demos aqui da submissão dos rebeldes ás auctoridades hespanholas. O tenente-coronel Primo fez a sua entrada em San Miguel de Maiumo acompanhado pelos chefes rebeldes Aguinaldo, Lbanera, Tino Navidad e mais 40, os quaes todos gritaram *viva o rei! viva a Hespanha!* viva o capitão general. Como prova de que a paz é um facto, o capitão general apertou a mão ao cabecilha Aguinaldo no meio do povo enthusiasmado.

A maçonaria que promovera a insurreição, não poude ainda d'esta fazer vingar as suas pretenções.

Os jornaes madrilenos mostram-se satisfeitos com o termo d'uma guerra, que custou tanto sangue e tantos sacrificios. Até o snr. Nocedal aventa a ideia de novas conquistas; nada menos que reduzir Portugal a uma provincia hespanhola. Se já estão esquecidos, que venham.

Em Cuba — O novo ministerio cubano creado em virtude das concessões autonomicas, prestou juramento no dia 1.º de Janeiro no palacio de Havana.

O marechal Blanco dirigiu-se aos ministros significando-lhes a confiança que o governo da metropole deposita n'elles, aconselha uma politica li-

beral inspirada nos principios da justiça e da conciliação.

O novo governo deverá estudar os meios de favorecer a reconstrucção das propiedades arruinadas.

Depois de haver exprimido a confiança que deposita no auxilio de Deus, terminou dando vivas á Hespanha e a Cuba hespanhola. Seguidamente dirigiram-se todos para a capella do palacio, onde foi celebrada uma missa. Todo o gabinete jurou fidelidade á Hespanha, á rainha e ás instituições.

Em vista da concessão da autonomia é motivo de duvidas se Cuba de facto ainda pertence aos hespanhoes.

Além d'isso a paz está bem longe ainda de ser um facto. O governo hespanhol pensa em mandar para a Grande Antilha uma nova expedição de 15:000 homens, que irão em contingentes de 5:000.

Mac-Kinley continua a dispensar toda a protecção aos insurrectos, e affirma-se que dentro em pouco imporá á Hespanha um determinado prazo para acabar com a guerra, que não só é a ruina da preciosa Antilha, mas tambem causa enormes prejuizos á republica americana.

Maximo Gomes, no dizer d'uma folha americana, não quer a autonomia; só a completa independencia o levará a depôr as armas.

Carlistas — A agitação carlista continua. A autonomia de Cuba, que tão más consequencias está dando, pois que além de não restabelecer a paz na Grande Antilha, serviu de incitamento a algumas provincias hespanholas para exigirem as mesmas concessões, augmenta a desaffeição pelo existente.

Para cumulo de tudo isto o governo que bem sabia, que á maçonaria assistia a responsabilidade das duas guerras, collocou agora nos principaes empregos alguns dos mais conhecidos mações do Archipelago.

Os sentimentos religiosos do povo hespanhol e a dignidade nacional foram assim altamente offendidos.

FRANÇA

Vocação religiosa — A marqueza de La Salle tomou ha dias o veu de religiosa redemptorista no mosteiro de Gagery.

N'essa occasião subiu ao pulpito um seu filho, que prégou o primeiro sermão. Esta familia deu já á Egreja S. Fourier de Mattaincourt, e o Beato João Baptista de La Salle.

Prelados condecorados — Na relação dos cavalleiros da Legião de Honra vem os nomes do Cardeal Sourrieu, Arcebispo de Rouen, Mellieu, Bispo de Chartres, e o editor catholico Paulo Mame.

A devoção do Sagrado Coração — E' verdadeiramente admiravel n'estes tempos de tanta descrença ver o grande incremento que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus vae tomando em todo o mundo e especialmente na França.

O grandioso templo de Montmartre, em Paris, edificado por esmolas dos fieis, cuja somma se eleva a 27 milhões de francos, desde 1876 foram áquella basilica 6:035 romarias, celebraram alli missa 1:000 bispos e 60:000 presbyteros. O numero dos fieis que alli recebem o pão eucharistico eleva-se a 100:000 por anno!

Consul francez em Jerusalem — M. Ledoulx, consul geral da França em Jerusalem morreu ultimamente, tendo recebido os ultimos sacramentos com uma fé admiravel. E' sua vontade que seu corpo seja enterrado em Sainte-Anne, territorio francez.

A questão Dreyfus — O major Esterahazy accusado por Matheus Dreyfus do crime de traição foi agora absolvido. A imprensa franceza fazendo a resenha do julgamento diz que a sentença foi escutada pelo publico com grande regosijo, que deu muitos vivas á França e ao exercito.

A' sahida de Esterahazy do tribunal os officiaes do exercito e marinha que se achavam presentes saudaram-n'o militarmente. A multidão applaudi-o com todo o enthusiasmo.

Em toda a França reina grande animação contra os judeus. Nas principaes cidades da republica as manifestações anti-semitas téem tomado um caracter bastante serio. Em Pariz grupos de estudantes percorreram alguns pontos da cidade gritando «fóra Zola, morram os judeus». Os estudantes de Marselha levantaram-se tambem contra a maldita seita, gritando em frente dos estabelecimentos judeus «morra o judeu» e defronte das casas dos officiaes militares «viva o exercito»! Em Lyon os academicos chegaram a quebrar as vidraças dos escriptorios do jornal «Le Peuple», que tomara o partido do romancista Zola. Em Nancy, Clermont Ferrand, Grenoble, Bordeaux e Nantes tem havido manifestações identicas.

Vocações sacerdotaes — A' imitação do coronel Crepeaux cujo ingresso na carreira ecclesiastica relatamos n'um dos ultimos numeros, o marquez Leotoink, tenente do 139.º regimento de infanteria, de Aurillac, pediu a sua demissão para entrar n'um seminario.

— No dia 9 do corrente realisou-se em S. Sulpicio a ceremonia da ordenação do visconde de Anatalio Choptal, filho do conde Choptal. Antes de entrar para o noviciado da congregação a que pertence, era aggregado á legação franceza na Dinamarca.

Missionarios para Madagascar — O general Gallieni, governador de Madagascar, pediu ao seu governo cincoenta religiosos para fundar escolas n'aquella ilha. O governo que move guerra de exterminio aos religiosos, achou razoavel este pedido, e em vez de mandar para lá professores que ministrem um ensino atheu, foi ter com o instituto das Escholas Christãs pedindo-lhe os religiosos requisitados pelo governador de Madagascar. Já partiram 15, que vão fundar uma eschola normal em Famatave.

E aqui temos nós um governo que á seme-

lhança do nosso não quer as congregações religiosas simplesmente por espirito sectario.

ITALIA

A miseria — A situação desastrosa em que esta nação se encontra, tende a aggravar-se cada vez mais. N'algumas provincias tem havido novos tumultos, motivados pelo excessivo dos impostos. A miseria attinge o auge, sobretudo na Sicilia.

N'um dos ultimos domingos os lavradores e operarios de Siciliana fizeram uma manifestação tumultuosa aos gritos de — *queremos pão e trabalho.*

INGLATERRA

Cardeal Vaughan — A instancias de todos os catholicos do reinô unido o governo inglez vae conceder a distincção de par do reino vitalicio ao Em.mo Cardeal Vaughan.

E' um triumpho assignalado dos catholicos, que bem prova a sua grande influencia nos destinos da Inglaterra. Todos os dias se operam novas conversões, algumas entre o clero e a nobreza.

A população catholica em todo o imperio é a seguinte: 1.500:000 na Inglaterra; 365:000, na Escossia, 3.549:965 na Irlanda ; 2.600:000 no Canada. O numero dos catholicos na Australia India e outras possessões é ainda bastante consideravel.

O numero dos Arcebispados, Bispados, Prefeituras e Vicariatos apostolicos em todo o imperio é de 170. Ha 2:698 padres e 1:482 egrejas e capellas.

Na Escossia ha dois arcebispos e bispos suffraganeos, 421 padres, e 350 logares pertencentes ao culto.

O numero total para a Grã-Bretanha, isto é para a Inglaterra e Escocia, á excepção da Irlanda, é de 3:119, dos quaes 2:181 do clero secular, e 938 do regular.

Na Grã-Bretanha ha 1:832 egrejas e capellas.

Dezenove catholicos são membros do conselho privado da rainha, 31 da camara dos lords, e 73 da dos communs.

LUXEMBUBGO

O ensino religioso — Os catholicos do Grão-ducado de Luxemburgo obtiveram agora um grande triumpho. Nos calamitosos tempos do «Kulturkampf» o governo luxemburguez quiz imitar o suisso, o allemão e o austriaco, supprimindo o ensino religioso.

Ultimamente os catholicos tomaram sobre si o cuidado de o restabelecer, e depois de duas semanas de viva discussão, e apesar da opposição dos liberaes e socialistas, no dia da Immaculada Conceição o parlamento luxemburguez votou uma proposta de lei prescrevendo o ensino religioso nas escolas primarias, e pondo-o sob a inspecção d'uma commissão local de tres membros, entre os quaes o parocho da freguezia.

O Grã-Duque de Luxemburgo é um Vassan lutherano, mas está casado com uma princeza catholica, Marianna de Portugal, e, em virtude d'um solemne compromisso contrahido no dia de seu matrimonio, educa tambem seus filhos na Religião catholica.

ECHO DAS MISSÕES

SUMMARIO.—*As missões relegiosas para o ultramar.* —*Moçambique.*

As missões religiosas para o ultramar —Parece que este assumpto começa a prender a attenção dos que ainda se interessam pelas nossas colonias.

Cada qual discreteia e se pronuncia sobre a questão consoante o seu proprio sabor, ou conforme as idéas, mais ou menos justas, que lhe servem de prisma no estudo do assumpto. Em geral, todos reconhecem a necessidade d'essas crusadas evangelicas; não raro porém os preconceitos de escóla ou os prejuizos da má educação não deixam transparecer a verdade em toda a sua evidencia.

O *Universal* reclama o missionario «pacifico e passivo» e affirma que acima de tudo deve obrigar-se á «obediencia cega e absoluta das determinações dos representantes da soberania nacional» —Pouco mais ou menos como cá no continente succede com uma grande parte do clero, que é instrumento cego e passivo nas mãos dos mandões e influentes de alta cotação na politica partidaria...

O *Popular*, do sr. Marianno de Carvalho, dá mais um passo: não lhe repugna mesmo que as missões sejam de ordens regulares, mas só estabelecidas no ultramar — O distincto africanista não nos diz como essas ordens religiosas hão de viver no ultramar. Póde ser que o sr. Marianno de Carvalho tenha descoberto nos pretos alguma inclinação natural para a vida religiosa, e assim, uma vez estabelecidos os frades na Africa, affluirão logo vocações espontaneas, decididas, numerosas...

N'este caso, para não perder tempo, poderia já experimentar-se com o Gungunhana e o Godide... Seria um meio opportuno que se lhes proporcionava para repararem sua falta...

No entanto archivo com prazer a opinião do illustre africanista ácêrca das ordens religiosas, postoque o pertendel-as unica e exclusivamente estabelecidas no ultramar seja uma verdadeira utopia.

A questão já foi mesmo debicada na camara dos deputados nas sessões de 14 e 15 do corrente. O que lá se disse não é facil colligil-o dos extractos das sessões parlamentares fornecidos pelos jornaes da capital — tão divergentes são uns dos outros. Segundo assevera *Nemo* no «Correio Nacional», o sr. Dantas Baracho «mantem as suas antigas idéas, favoraveis á creação das ordens religiosas portuguezas, unica e exclusivamente para o ultramar,... porque essas

ordens são incontestavelmente um grande elemento para a moralisação e civilisação dos indigenas, e para a manutenção do nosso dominio». O sr. Ferreira de Almeida «declara igualmente que não lhe repugna a existencia das ordens religiosas portuguezas para o ultramar».

Responde o snr. ministro da marinha que «concorda na conveniencia de haver missionarios portuguezes nas nossas colonias, mas que ha um ponto em que pódem não estar de accordo com o snr. deputado os homens mais liberaes: é sobre a necessidade de haver frades, porque estes entregavam-se unicamente á oração nas suas casas», etc.

A'cêrca da resposta do snr. ministro da marinha escreve, muito avisadamente, *Nemo:*

«Lamentamos a inconsequencia que se nota no seu discurso e o errado conceito que parece formar das ordens religiosas.

Não podemos crer que Sua Ex.ª, que é um brioso militar, desassombrado na manifestação das suas opiniões, seja attreito ao *medo do contagio*, quando parece inclinar-se á opinião dos *homens mais liberaes*.

Se liberal é o homem que reclama as ligitimas liberdades civis e politicas, tanto mais liberal será quanto mais largo fôr no reconhecimento e proclamação d'essas liberdades. Ora o frade é uma liberdade. A liberdade de associação religiosa é tanto mais ou mais sagrada que outra qualquer, e não é sincero na reivindicação da liberdade quem a negar. Todos os paizes livres a reconhecem e garantem a sua pratica.

Os falsos liberaes, sectarios da hypocrita doutrina liberal, esses querem a liberdade para tudo quanto ha perigoso e subversivo, mas negam-na á Egreja e ás instituições por ella criadas. São sectarios intolerantes e odientos, e proclamam-se tanto mais liberaes quanto mais jacobinos. O ideal do genero são os Alves Corêa e os Judicibos. E' a opinião d'estes que o illustre ministro acata? Decerto que não.

. . . Demais, as ordens puramente contemplativas são uma minoria infima.

No ensino, na prégação, nas missões, nas investigações scientificas e litterarias, no trabalho manual, na cultura da terra, nas obras de caridade exerceram e exercem os frades a sua actividade. A oração e o trabalho são prescriptos a par em todas as congregações, e é na oração que ellas encontram o segredo da sua dedicação. Para o negar seria preciso rasgar as paginas da historia, que registam os valiosos serviços prestados pelos frades á civilisação. Confessam-no os homens mais insuspeitos.

O que fazem hoje dominicanos, jesuitas, franciscanos, lazaristas, salesianos, irmãos da doutrina christã, padres do Espirito Santo, bentos, trappistas, cartuxos e tantas outras congregações senão seguir a divisa: *orare et laborare?* Rezam e trabalham. Esses *frades* prestam relevantissimos serviços a todas as nações coloniaes que não os querem só para exportação; utilisam-nos tambem na metropole, e em todo o caso não impõem mesquinhas e illegitimas restricções á liberdade de associação».

E' assim mesmo. Mas nós, os portuguezes, que temos sempre as portas abertas para todas as doutrinas avariadas que nos querem impingir do extrangeiro, somos sempre morosos e negligentes em imitar o que por lá vejamos bom e digno.

Moaçmbique.—Os «Annaes das Franciscanas Missionarias de Maria» inserem uma longa carta onde se lêem curiosos pormenores ácêrca da missão da Beira. Como é sabido, estas heroicas filhas de S. Francisco téem a seu cargo o hospital da Companhia de Moçambique, na Beira. Transcrevemos algumas linhas d'esta carta.

«Aqui são quasi absolutamente desconhecidos os legumes e a fructa; o leite é um alimento de luxo: chega a custar até 300 reis o litro, e assim mesmo é difficil encontrar outro que não seja o de cabra. A unica riqueza da Beira é o ouro. Agua, só a do mar, que vem bater mesmo nas paredes do nosso hospital, ou a da chuva que é recolhida em grandes cisternas; não ha outra, assim para uso domestico como para irrigação das ruas, dos jardins, ou de quaesquer plantações.

A necessidade de missionarios não póde ser maior. Grande parte d'estes miseraveis pretos morrem sem Sacramentos. Pobres negros! Julgam-se excusaveis em sua negligencia porque não seja possivel ir á egreja, que fica tão longe, senão caminhando sob um sol abrasador ou debaixo de chuvas torrenciaes que pódem occasionar uma doença! Não será assim, como esperamos, quando tivérmos aqui uma capella no hospital, como já nos prometteu o governador, que é muito bom para nós. Por emquanto, nós mesmas temos de ir á egreja, que fica a tres quartos de hora d'aqui, no meio de interminaveis areaes.

Na egreja da Missão, ainda mesmo aos domingos, é muito pequeno o numero de fieis que assistem á Missa; de semana, nem sequér ha Missa. Oh! como este pobre paiz precisa de missionarios que arrotêem este campo do Pae de Familias, até hoje tão mal cuidado!

Estes pobres negros são como creanças. Por um sim ou por um não se vão ás do cabo, lançam mão de navalhas e esfaqueiam-se uns aos outros com uma sem-cerimonia incrivel. A's vezes limitam-se a lançar mão d'um vaso de barro ou de vidro, e fazêl-o em pedaços na cabeça ou nas costas do seu inimigo. Porisso as feridas, que são horrorosas, levam-nos frequentes vezes para o outro mundo.

Estamos bem longe da Europa e de suas agitações socialistas; comtudo nossos pretos declaráram-se em *gréve*, porque a Companhia retardou por alguns dias o pagamento do salario. Não podendo assim, nós sósinhas, fazer face a todo o serviço, pedimos auxilio ao governador, que nos mandou alguns prisioneiros, os quaes, constantemente vigiados por guardas, trabalham presos dois a dois por uma cadeia de 80 centimetros. Mettem dó!

Quanto bem a fazer aqui! Muitos empregados do hospital já nos disseram que queriam fazer-se christãos; mas como poderemos nós, tão poucas para tanto trabalho, occupar-nos em instruil-os? Emfim, o Senhor providenciará.

Ha dias vieram chamar-nos para irmos assistir a uma pobre mulher, orphã, e prestes a partir para a eternidade. Foi a Madre Superiora, e encontrou-a agonisante, junto do seu marido. Eram já baptisados, mas como no momento em que chegaram á Beira não havia aqui nenhum Padre, viviam unidos sem terem recebido a benção da egreja. Fiz chamar o sacerdote, que trouxe um momento de pura felicidade á moribunda. Passados tres dias partiu para o Céo.

Ha pouco tempo deu tambem a Madre Superiora o seu primeiro baptismo. Era um negro, perigosamente enfermo no hospital. Tinha já algumas noções da verdadeira religião. Mostrando-lhe o crucifixo, e perguntando-lhe o que era, respondeu beijando-o piedosamente; «E' o Deus bom, que morreu na Cruz por nós peccadores».

Foi baptisado, e démos-lhe o nome de Maria José. Vive ainda, mas não tardará em ir gosar de Deus no paraizo.

Alguns malgaches aqui residentes, homens fortes e robustos, mas timidos e simplices como creanças, vieram um dia d'estes ter comnosco para que lhe ensinassemos a religião. Um d'elles é já baptisado, mas ainda não fez sua primeira communhão.

Estes negros não são máus, mas é preciso ter com elles uma paciencia de anjo. Ninguem se occupou d'elles até hoje, são absolutamente selvagens, não conhecem regra nem disciplina, e vivem só segundo suas inclinações e imaginação.

Agora uma historia divertida:

Celebrou-se ha dias o anniversario do Rei e da Rainha de Portugal. Todos os soldados e empregados assistiram em grande uniforme ao *Tê-Deum*, depois do qual o governador deu um jántar de gala.

Ahi pelas quatro horas da tarde chegou um preto, trazendo-nos em uma grande travessa, tres magnificos perús, já preparados.

Disse-nos que aquillo era para o hospital, e entregou-nos o cartão da filha do governador. Alegres por termos um tão bello regalo para dar aos nossos doentinhos, apressamo-nos a deitar a faca aos appetitosos perús. Para tornar a festa completa, a Madre Superiora deu a cada um dos doentes um calix do Porto. Imaginae a alegria dos pobresinhos!

Um dizia com a boca ainda cheia:

«Que pena que a Rainha Amelia não faça annos todos os dias»!

A' noitinha chegaram mais duas grandes travessas com sobremeza, e um suberbo podim. Guardamos tudo aquillo, e ainda bem. D'ahi a instantes, quando a Beira já ostentava graciosas illuminações, entre as quaes sobresahiam as de nosso hospital, chega um policia, acompanhado de alguns negros, a reclamar os pratos que, preparados para o jantar do governador, vieram, por engano, parar ao hospital. Os doentes, que assistiam das janellas á grandiosa festa, responderam com uma estrepitosa gargalhada, mais contentes ainda com a atrapalhação dos commissionarios do que com o bello jantar que tinham comido.

Quando davamos as explicações necessarias ao policia e a seus pretos, chega a cavallo um criado do governador. Comprehendeu tudo em duas palavras, riu a bom rir, e assegurou-nos de que tudo se arremediaria sem difficuldade, accrescentando que o governador se havia de divertir com o regalo offerecido aos doentes, sem ninguem ter tido tal intenção.

VARIA

Testamentos extravagantes —A Inglaterra é o paiz das originalidades que vão muitas vezes até alem da morte.

— Um individuo em Lussex legou avultados cabedaes á sua mulher, mas com a condicção de cada anno, no dia do anniversario da morte do seu marido, fazer a volta da grande praça com os pés descalços e uma vela em cada mão. Depois devia lêr em alta voz a declaração das suas faltas para com seu marido, confessando que se tivesse a lingua mais curta, os dias de seu marido teriam sido mais felizes.

— Um nobre lord deixou como sua herdeira aquella pessôa que risse por occasião da abertura de seu testamento.

Aconteceu que uma creada não poude impedir o riso n'essa occasião, vendo os pulos que dava um gato que entrou no aposento onde estava a familia reunida; — e, com espanto geral, o notario a declarou universal herdeira.

— Um original, Sir Underwood, admirador de Horacio, determinou em seu testamento que depois da sua morte fosse collocado em um caixão pintado de verde, com as obras de Horacio sobre a cabeça, as de Milton aos pés, uma biblia grega na mão direita e uma edição rara de Horacio sobre o peito.

A cada um de seus amigos que assistissem a seu enterro deixou dez libras sterlinas com a condicção de se irem banquetear em seguida.

— Um outro, este era allemão, legou toda a sua fortuna a seu filho unico, com a terrivel condição de que antes de começar a fruil-a devia viajar por todo o mundo durante 3 annos e de toda a viagem fazer uma discripção minuciosa, bem escripta e livre de erros orthographicos.

— Em Felgueiras, cá de Portugal, falleceu tambem Antonio Joaquim da Cunha, deixando em seu testamento entre outras disposições as seguintes muito originaes:

«O meu testamenteiro tem de previr que aqui appareçam as irmãs d'elle que me não entrem nas casas porque as não quero ouvir chorar.»

«Quero que me mande fazer um jazigo perpeto só com huma pedra marmore em Sima com o meu nome e huma grade de ferro embolta mas que não lebe moxos.»

Anedocta — Uma interessante e instructiva anedocta, cujo heroe é o predecessor do actual arcebispo de Canterbory.

Detestava mais que tudo este digno prelado as despezas inuteis. Forçado por effeito das suas funcções, a frequentes viagens, via-se constrangido a despezas de correspondencia, que elle julgava excessivas. Com o que muito se atormentava, motivo porque se entregou aos maiores esforços para encontrar um meio de as reduzir.

E' bem certo o dictado: quem procura, acha sempre. Tal o caso do nosso prelado. Imagine-se, pois, do espanto do seu capellão ao receber, um dia, este laconico despacho: «Epistola de João, I, 11, 13 e 14.»

O capellão abriu no sitio indicado e leu: tenho muitas coisas a communicar-vos, mas não poderei fazel-o por meio de tinta e d'uma penna. Espero encontrar-vos proximamente e falar-vos nessa occasião frente a frente. A paz seja comvosco. Saudam-vos os vossos amigos. Saudae os que são nossos.»

O arcebispo chegára assim a exprimir em cinco palavras uma mensagem que contou 46 no texto inglez. E tão boa achou a sua invenção, que d'ahi por deante, na sua correspondencia, não fez uso senão d'ella.

Cecil Rhodes serviu-se um dia do mesmo processo de correspondencia, para o fim de dissuadir um general inglez de dar batalha.

Editor responsavel — Domingos José de Souza Gomes — Braga.

Typ. de J. M. de Souza Cruz — Braga.

Com vista a certos *catholicos* portuguezes.

Não poderemos nós vêr aqui uma explicações ao ardor com que se tem trabalhado em Portugal para que não vingue nunca nem uma sequer das candidaturas catholicas?...

—O sr. Alves Correia, a quem o meu amigo já conhece, abandonou agora o Paiz que era creatura d'elle. Tratando de fazer o testamento não quiz perder a occasião que se lhe offerecia para dizer duas asneiras, e lá estampou as seguintes, a proposito dos valiosos presentes que, pelo Natal, foram offerecidos a Leão XIII:

Se as sommas e valores que todos os annos entram no riquissimo thesouro de Leão XIII fosse antes applicada a instituições de beneficencia, de certo se minorariam muitas miserias e os principios do christianismo seriam melhor acatados.

Depois lastima a sorte dos desgraçados que morrem de fome ao abandono, nos paizes tributarios do Vaticano (quaes são por exemplo a Inglaterra, a Russia, a Turquia, etc.; não é assim, Alves Correia?...) E termina dizendo que Leão XIII, «apezar de ter perdido quantias importantes em especulações profanas;... deve deixar umar fortuna fabulosa» *(sic)*.

Procopio faz, na *Palavra,* o seguinte commentario:

O Alves Correia, lendo a lista dos presentes enviados ao Papa ficou de olho arregalado e lastimando que lhe não fossem enviados, em vez de o serem ao Soberano Pontifice. E d'ahi a choradeira de que essas sommas e valores seriam melhor applicados a instituições de beneficencia.

Estou a vêr que, se esses presentes caissem nas bentas unhas do Alves Correia, elle ia immediatamente pôl-os em patacos para distribuir pelos pobres, afim de lhes matar a fome. E' o que elle faz ás sobras do *Paiz:* quando o irmão administrador lhe apresenta, no fim do mez, as moedas de dez reis que sobraram das despezas, elle, com uma lagrima no olho, diz-lhe:

Distribue essas migalhas, que nos sobraram, pela pobreza que vem bater-nos á porta! . . .

O peor é que o maldito do Judicibus affirma e jura que o Alves Correia, sempre que pilha algum vintem, venha elle donde viér, e sejam quaes forem os meios porque lhe venham, os vae immediatamente pôr na caixa do Credito . . . provavelmente para os directores da caixa distribuirem a maquia pelos pobres. Caridade como manda o Evangelho: dá com a direita á caixa para que os directores da mesma, com a esquerda, a dêem aos pobresinhos . . .

O que, porém, o Alves Correia não sabe é que o Papa, se muito recebe, muito dá ...

Tal qual como o Alves Correia, que dá tudo quanto ganha e recebe. . . para a Caixa do Credito.

Pena é que o Alves Correia não seja padre, porque, se o fosse, podia, com as virtudes que tem, chegar a Cardeal, e, mais tarde, a Papa. Então é que o mundo saberia o que é caridade!

O peor é que as virtudes, sobretudo a pródiga caridade ao Alves Correia, arruinaram-lhe a saude do corpo e... da bolsa.

Para tratar d'uma e de outra, deixou a direcção do *Paiz,* e foi peregrinar para o Alemtejo onde costuma ser muito abundante a colheita da bolota.

Faça muito bom proveito.

— Apezar do que tem dito em contrario *A Luz*.·. e collegas do malhete, a maç.·. franceza vai decaindo de dia para dia. O ir.·. Limousin publicou ha pouco uma longa jeremiada na «Revue Maçonique», affirmando positivamente que a maçonaria tem enfraquecido muito, e perdido uma grande parte de suas antigas qualidades. O afflicto e desolado ir.·. queixa-se principalmente do facto de Leão XIII haver aconselhado aos catholicos francezes que acatem os poderes constituidos; e lastima o empenho com que procuram estudar e resolver christãmente a questão social. Mas, em compensação, congratula-se com as esperanças que já nutre de que a proxima lucta eleitoral fará revigorar a seita.

Cá pelo reino fidelissimo — digam o que dissérem em contrario a *Vanguarda*.·., a *Luz* .·. etc. — creio que isto nãovae em maré de rosas. Mas consolem-se os chafarriqueiros portuguezes, porque identica é a sorte dos IIr.·. d'além Pirineos.

Solatium est miseris socios habere camaradas...

—As gazetas de Lisboa dão noticia d'um opiparo jantar que os IIr.·. do Gr.·. Or.·. Luzitano offereceram a seu Gr.·. Mestre o ir.·. Bernardino Machado, após o seu rogresso do Porto, onde assistiu á sessão solemne e banquete em honra de Mousinho. A meza era em forma de ferradura,— unica admittida nos banquetes das lojas, por ser symbolica.

Fraternisou-se na mais santa paz como se fôra o mais frugal e singelo agape. *Mastigaram-se,* em finas *telhas,* appetitosos *materiaes,* incluindo a *argamassa* e *pedra bruta.* O *veu,* as *bandeiras,* as *bandejas,* as *trolhas,* os *enxadões,* os *alfanges,* a *areia,* etc., era tudo da industria nacional. Deram-se abundantes *descargas de canhões:* esvasiaram-se muitas *barricas* de *polvora forte,* não faltando tambem a *polvora amarella* e a *polvora fulminante.* A *polvora fraca* teve pouco gasto. [1]

Vê-se que não soffrem de fastio, os IIr.·. Só falta que sejam tão vorazes como os dois grillos, que se devoraram um ao outro dentro da gaiola, *sem deixar restos.*

—*Sunt lacrimæ rerum!* A grande loja maçonica do Canadá, com séde em Quebec, excommungou solemnemente a loja *Emancipation,* de Montreal por haver sido fundada por auctoridade do Gr.·. Or.·. de França, e estar por conseguinte sob a obediencia estrangeira.

E' para que o meu amigo veja que nem só o Papa tem o direito de excommungar...

Ainda não consta se a loja fulminada com o anathema excommungou tambem, pela sua parte, o Gr.·. Or.·. de Quebec...

—Segundo commonica a *Vanguarda,* que, em questões de seita, *bebe do fino,* está-se recons-

---

1 Na giria maçonica *mastigar* é comer, *telhas* são pratos, *materiaes* são iguarias, *argamassa* é trouxa de ovos, *pedra bruta* é o pão, *véu* a toalha, *bandeiras* os guardanapos, *bandejas* as travessas, *trolhas* as colheres, *enxadões* os garfos, *alfanges* as facas, *area* o sal, *canhões* copos, *dar descargas de canhões* beber, *barricas* garrafas, *polvora forte* vinho, *polvora amarella* cerveja, *polvora fulminante* licores, e *polvora fraca* agua,.

truindo o palacio do Gr.·. Or.·., que, segundo ella affirma, ficará agora o primeiro de Lisboa.

Vê-se que o Gr.·. Mestre.·. snr. Bernardino Machado, ex-ministro das obras publicas, não é menos activo como chefe dos chafarriqueiros, do que o foi como Ministro do Estado.

A *Vanguarda* termina exclamando extasiada:

«Como se vê . . . o *Gremio Luzitano* entrou, finalmente, em um novo periodo de actividade, de que certamente vão resultar beneficios que não deixarão de ser apreciados».

E ahi está salva a patria... por meio dos benemeritos pedreiros.

O caso merece, bombas e foguetes e balõesinhos á veneziana, e palmas e musica e *vivas*...

Uns valentões, estes irmãosinhos de trolha e avental.

Mas termino por aqui, porque não quero abusar da paciencia do meu amigo a quem continúo a ser como sempre

sinceramente affeiçoado,

Chronista da «Voz».

Ao «Jornal de Santo Thyrso», á «Concordia», ao «Amigo da Religião» e a todos os demais collegas que se téem referido á «Voz de Santo Antonio», agradecemos as expressões mais que benevolas e lisongeiras com que o téem feito.

Vida de S. Luiz de Tolosa — Pequenas folhas de propaganda. Preço de cada exemplar 5 réis com as seguintes vantagens:

Quem pagar	10	exemplares	recebe.	12
»	20	»	»	25
»	30	»	»	40
»	50	»	»	65
»	80	»	»	100
»	100	»	»	150

De cem para cima dá-se a mais o numero de exemplares igual a metade dos que forem pagos.

Estatutos da Pia União. — 5.ª edição com a qual já passa de 70:000 o numero de exemplares tirados. Preço 10 réis.

Medalhas de Santo Antonio. — Em bronze 200 réis; em aluminio ou metal amarello 180 réis.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, ao snr. Thesoureiro da Pia União — Pharmacia dos Orphãos — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.º Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura — 1$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.